

Hugo Ricardo Marreiros Neto de Oliveira

**“Afloramentos Monumentalizados” da região de Lafões.
Estudo de um novo tipo de sítio pré-histórico, na necrópole da
Malhada do Cambarinho (Vouzela, Viseu)**

Hugo Ricardo Marreiros Neto de Oliveira

“Afloramentos Monumentalizados” da região de Lafões.
Estudo de um novo tipo de sítio pré-histórico, na necrópole da
Malhada do Cambarinho (Vouzela, Viseu)

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof. Doutor António Faustino Carvalho



2022

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar o meu agradecimento à Câmara Municipal de Vouzela, por todo o apoio material e humano que disponibilizou para o desenvolvimento dos trabalhos do Projeto, em que esta dissertação se insere.

Mas o meu agradecimento muito especial dirijo-o ao Professor Doutor António Faustino de Carvalho, meu Orientador, pela orientação, e apoio científicos e pedagógicos, bem como por toda a disponibilidade sempre manifestada e pelo incentivo e motivação que me deu, sobretudo nos períodos mais difíceis que fui atravessando, sem os quais este trabalho não teria sido possível.

RESUMO

O objetivo desta tese é conhecer melhor o ‘afloramento monumentalizado’, no sítio arqueológico da Malhada do Cambarinho, um novo tipo de monumento, provável local cerimonial/cultural, relacionado com as práticas funerárias realizadas nos dólmenes próximos.

Trata-se do estudo de um tipo inédito de monumentos cerimoniais, simbólicos/rituais, os ‘afloramentos monumentalizados’, para o qual não se conhecem, até ao momento, paralelos no nosso país, conhecendo-se apenas um sítio idêntico estudado, nas ilhas britânicas, no sítio de Strathtay, na Escócia.

A Malhada do Cambarinho situa-se numa bacia de montanha, no extremo setentrional da Serra do Caramulo, onde nasce o Rio Alfusqueiro, um subafluente do rio Vouga, o que contribui para que haja abundante água no local, possivelmente um fator favorável para a sua ocupação e exploração desde o Neolítico. A ladear este sítio, existem várias cumeadas graníticas, onde se encontram diversos monumentos tumulares e rituais datados da pré-história e da proto-história. Um deles é o ‘afloramento monumentalizado’ em estudo.

Os ‘afloramentos monumentalizados’ são formações rochosas naturais localizadas em pontos limítrofes junto de necrópoles de *tumuli* megalíticas e proto-históricas, que foram transformadas em locais cerimoniais/culturais através da execução de gravuras ("cavinhas" ou *cup-marks*), em torno dos quais se construíram *cairns* de diâmetros e espessuras variáveis.

Palavras-chave:

Megalitismo, monumentos megalíticos, Beira Alta, afloramento monumentalizado.

ABSTRACT

The objective of this thesis is to know the 'monumentalized outcrop' at the archaeological site of Malhada do Cambarinho, a new type of monument, probably a ceremonial / cultural site, related with the funerary practices carried out in the nearby dolmens.

This is the study of an unprecedented type of ceremonial, symbolic / ritual monuments, the 'monumentalized outcrops', for which, until now, there are no parallels in our country, knowing only one identical site studied, in the islands British, at the Strathgairn site in Scotland.

Malhada do Cambarinho is located in a mountain basin, at the northern end of Serra do Caramulo, where the Alfusqueiro River is born, a sub-tributary of the Vouga River, which contributes to the abundance of water in the place, possibly a favorable factor for its occupation and exploration since the Neolithic. Flanking this site, there are several granite slopes, where there are several tomb monuments and rituals dating from pre-history and proto-history. One is a 'monumentalized outcrop'.

The 'monumentalized outcrops' are natural rock formations located in bordering points next to megalithic and proto-historic *tumuli* necropolises, which have been transformed into ceremonial/cultural sites through the execution of engravings ("dimples" or cup-marks), around the which were built with variable diameters and thicknesses, delimited by vertically erected blocks.

Keywords:

Megalithism, megalithic monuments, Beira Alta, 'monumentalized outcrops'.

ÍNDICE

DECLARAÇÕES.....	I
AGRADECIMENTOS.....	III
RESUMO.....	IV
ABSTRACT.....	V
ÍNDICE DE FIGURAS.....	3
ÍNDICE DE APÊNDICES.....	4
ÍNDICE DE ANEXOS.....	4
I. INTRODUÇÃO.....	5
II. CONTEXTUALIZAÇÃO: O MEGALITISMO DO CONCELHO DE VOUZELA NO CONTEXTO DA REGIÃO DE LAFÕES. A NECRÓPOLE DE MALHADA DO CAMBARINHO.....	9
1. O megalitismo na região de Lafões.....	9
2. A necrópole de Malhada do Cambarinho: contexto geográfico, descoberta, trabalhos realizados e descrição dos monumentos.....	13
III. METODOLOGIA.....	18
1. Contexto e âmbito da investigação.....	18
2. Procedimentos de investigação.....	19
IV – O AFLORAMENTO MONUMENTALIZADO: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS.....	22
1. O afloramento monumentalizado: localização e estruturas construídas.....	22
1.1. Relação com o espaço da necrópole.....	22
1.2. Técnicas construtivas e estrutura interna.....	24
2. O espólio exumado: inventariação e análise.....	29
2.1. Cerâmica.....	29
2.2. Líticos.....	30
2.3. Carvões.....	30
3. Paralelos cerâmicos e determinação cronológica.....	30
4. Discussão: a complexidade das práticas rituais da Idade do Bronze final.....	31

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPETIVAS PARA ESTUDOS FUTUROS	33
1. Considerações finais.....	33
1.1. Inventário dos afloramentos monumentalizados da região de Lafões.....	34
1.2. Significado e importância científica dos “afloramentos monumentalizados”	41
2. Perspetivas para estudos futuros	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
APÊNDICE	50
ANEXOS.....	51

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA Nº 1 - LOCALIZAÇÃO DA NECRÓPOLE MEGALÍTICA DA MALHADA DO CAMBARINHO EM EXCERTO DA CARTA MILITAR DE PORTUGAL (N.º 177), COM INDICAÇÃO DOS MONUMENTOS CONHECIDOS: AM - “AFLORAMENTO MONUMENTALIZADO”, OBJETO DOS TRABALHOS DE ESCAVAÇÃO A QUE REPORTA O PRESENTE RELATÓRIO; 1 - DÓLMEN DA CASA DA ORCA (ESCAVADA POR A. DE AMORIM GIRÃO); 2 E 3 - MAMOAS 2 A 3 (DESCOBERTAS POR AMORIM GIRÃO; NÃO ESCAVADAS, DEVERÃO DATAR DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE); 4 E 5 - MAMOAS 4 E 5 (DESCOBERTAS NO ÂMBITO DO PRESENTE PROJETO; NÃO ESCAVADAS, DEVERÃO DATAR DA IDADE DO BRONZE FINAL).....	13
FIGURA Nº 2 - VISTA AÉREA DA MALHADA DO CAMBARINHO.....	23
FIGURA Nº 3 - MAPA DA MALHADA DO CAMBARINHO (ESCALA 1:4000).....	23
FIGURA Nº 4 -FRAGMENTO COM CARENA E CANELURA.....	26
FIGURA Nº 5 - LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO GERAL DO AFLORAMENTO MONUMENTALIZADO, COM REPRESENTAÇÃO DAS ÁREAS DE ESCAVAÇÃO	27
FIGURA Nº 6 - LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO DE PORMENOR DO RECINTO E DO AFLORAMENTO MONUMENTALIZADO	28
FIGURA Nº 7 - MAPA DA NECRÓPOLE DA CRUZINHA (VOUZELA E TONDELA). AM: “AFLORAMENTO MONUMENTALIZADO”.....	36
FIGURA Nº 8 - MAPA DA NECRÓPOLE DA MALHADA DO TOJAL GRANDE (VOUZELA). DA ESQUERDA PARA A DIREITA: “AFLORAMENTO MONUMENTALIZADO”, MAMOA 2 (IDADE DO BRONZE) E DÓLMEN (NEOLÍTICO)	37
FIGURA Nº 9 - MAPA DA NECRÓPOLE DE VALE D’ANTA (VOUZELA). A NUMERAÇÃO CORRESPONDE ÀS MAMOAS (A MAMOA 6 NÃO ESTÁ REPRESENTADA).....	38
FIGURA Nº 10 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO AFLORAMENTO MONUMENTALIZADO DO OUTEIRO DA LOMBA (VOUZELA).....	39
FIGURA Nº 11 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA NECRÓPOLE DA PEDRA DA BROA (OLIVEIRA DE FRADES). O RETÂNGULO CORRESPONDE À IMAGEM RETIRADA DO GOOGLE MAPS COM INDICAÇÃO DE ALGUMAS DAS MAMOAS DA NECRÓPOLE.	41
FIGURA Nº 12 - VISTA AÉREA DE URLAR.....	42

ÍNDICE DE APÊNDICES

APÊNDICE Nº 1 - CATALOGAÇÃO DO ESPÓLIO DAS ESCAVAÇÕES DE 2019 E 2021: POR PROVENIÊNCIA (ORGANIZADO POR QUADRADO), POR CAMADA, POR TIPOLOGIA/OBSERVAÇÕES E POR DATA DA RECOLHA	50
--	-----------

ÍNDICE DE ANEXOS

FIGURA Nº 13 - MALHADA DO CAMBARINHO	51
FIGURA Nº 14 - MALHADA DO CAMBARINHO	51
FIGURA Nº 15 - MALHADA DO CAMBARINHO	52
FIGURA Nº 16 - MALHADA DO CAMBARINHO, ANTES DOS INCÊNDIOS DE 2017	52
FIGURA Nº 17 - MALHADA DO CAMBARINHO, DEPOIS DOS INCÊNDIOS DE 2017	53

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA Nº 1 - INVENTÁRIO DOS AFLORAMENTOS MONUMENTALIZADOS DA REGIÃO DE LAFÕES	35
---	-----------

I. INTRODUÇÃO

O objeto de estudo de que se dá conta nesta dissertação é o ‘afloramento monumentalizado’ da Malhada do Cambarinho (freguesia de Ventosa, concelho de Vouzela), um novo tipo de monumento pré-histórico reconhecido na região de Lafões (Beira Alta), provável local cerimonial/cultural, relacionado com as práticas funerárias realizadas nos sepulcros sob *tumulus* próximos. O exemplar integra a necrópole, de fundação neolítica, de Malhada do Cambarinho, que inclui dólmens e outros tipos de sepulturas, descoberta por Aristides de Amorim Girão, que dela nos dá conta em 1921.

Os dólmens e outros monumentos megalíticos inscrevem-se num contexto histórico caracterizado pela sedentarização crescente do Homem, centrado na agricultura, cada vez com mais contactos entre as comunidades. O assim chamado megalitismo corresponde a um tipo de construção na qual eram utilizados grandes blocos de pedra compactos, geralmente com um propósito funerário, religioso, social ou relacionado com a observação dos astros, que se desenvolveu durante o período neolítico e prosseguiu por toda a restante Pré-História recente.

No entanto, embora a expressão “monumentos megalíticos” pressuponha construções com grandes pedras, na região de Lafões e no vasto período estudado (do Neolítico à Idade do Bronze), existem vestígios que incluem também, além de construções dolménicas (como as acima referidas, de época neolítica) ou cistoides (de inumação no Calcolítico, e de incineração, na Idade do Bronze), monumentos cobertos total ou parcialmente por uma mamoa, por vezes construída somente em pedra (*cairns*), cuja arquitetura interna se desconhece (ou permanece de caracterização incerta) por não terem sido ainda escavados. Daí que talvez seja preferível falar de “monumentos sob *tumulus*” em vez de “monumentos megalíticos”.

Aquele facto ilustra a dificuldade que há frequentemente na caracterização arquitetónica destes monumentos. Por exemplo, existe um conjunto de *tumuli* de tamanho menor que os dos grandes dólmens, cuja caracterização cronológica é difícil, embora se suponha serem neolíticos, com diâmetros de cerca de 10 m e menos de 1 m de altura, que tanto se encontram englobados em necrópoles megalíticas (como no caso da Mamoa 2 de Malhada de Cambarinho) como em necrópoles de pequenas mamoas, por vezes com pequenos dólmens de corredor.

Além disso, segundo nos diz Girão (1921, p. 57) e se pode hoje observar facilmente em vários túmulos pré-históricos da região, há monumentos que, embora construídos de grandes pedras, não se podia determinar se se trataria de antas (isto é, dólmens clássicos) ou de antelas (isto é, pequenas antas de planta quadrangular sem corredor), devido à destruição sofrida. Dá-nos também esta distinção entre ‘antas’ e ‘antelas’, acrescentando que tanto umas como outras tinham ou tiveram mamoas. Distingue os dois tipos de monumentos dizendo-nos que, nas “antas”, os esteios ou são verticais ou ligeiramente inclinados para o interior, podendo sustentar-se ou não

uns contra os outros; neste caso, a pesada tampa contribuiria para mais fácil segurança, pelo menos dos esteios principais, podendo mesmo desaparecer os esteios secundários, sem perigo para a construção. Quanto às "antelas", diz que há "ausência de galeria e de tampa ou chapéu (...), entrando-se nelas por cima e não pelo lado. (...) o sistema construtivo (...) [os esteios] vão se encostando às lajes, à medida que se tornam mais oblíquas. (...) embora [estes] monumentos pudessem ter sido fechados superiormente por algumas lajes mais pequenas, que porventura se removeriam com facilidade (...)".

Nas câmaras daqueles monumentos, era onde tinham lugar enterramentos coletivos, sucessivos, sendo os mortos acompanhados de oferendas, geralmente recipientes de cerâmica e artefactos líticos. Quando as condições de conservação propiciadas por solos menos ácidos existem, o que não se verifica em Lafões, encontram-se também elementos de matéria orgânica (ossos, por exemplo). Supõe-se que esses monumentos, embora construídos por muitas pessoas, seriam usados por um grupo restrito, o que deixa indiciar já uma hierarquia social (Cruz *et al.*, 2000).

Este fenómeno emergiu e desenvolveu-se entre o final do V e o III milénios a. C., tendo sido adotado por comunidades de agricultores e/ou pastores instalados ao longo da fachada atlântica da Europa, incluindo, portanto, o atual território português e, nele, a região de Lafões. As antas pertencem ao momento inicial deste fenómeno, ainda em época neolítica. As outras formas arquitetónicas sucederam-lhes no tempo.

Nos estudos megalíticos e de monumentos afins, as interpretações do domínio do simbólico têm tido desenvolvimento sobretudo nos últimos 20 a 30 anos. Muito em particular no caso da arte megalítica, por exemplo, têm-se feito apenas suposições relativamente à sua orientação e motivos gravados e/ou pintados, não sendo possível saber que 'histórias' contam. A sua orientação leva normalmente à suposição de interligações entre as conceções da Morte e os ciclos astrais (Bettencourt, 2013).

Ainda em termos arquitetónicos, mas com implicações diretas no estudo do simbolismo destes monumentos, os *tumuli* ou mamoas apresentam dimensões variáveis, e "(...) são constituídas por camadas de terra e pedra (...) [podendo] conter contrafortes (...) e terem sido revestidas por carapaças ou couraças pétreas" (Carvalho e Carvalho, 2018, p. 44), surgindo isolados ou agrupados em pequenas necrópoles. Mas observam-se, na Idade do Bronze, em especial na sua fase final, pequenos *tumuli*, em alguns casos "satelizando monumentos neolíticos preexistentes, formando grandes necrópoles compostas por cinco a duas dezenas de mamoas" (Carvalho e Carvalho, 2018, p. 37), o que mostra a importância reconhecida aos primeiros — isto é, o seu simbolismo — por sociedades pré-históricas já muito diferentes da dos construtores de megálitos neolíticos. Este fenómeno, de construção de mamoas de menores dimensões, da Idade do Bronze, junto ou à volta de monumentos neolíticos maiores, é reconhecido desde há décadas em diversas

regiões do território português. Um dos casos, em que tal fenómeno se encontra bem documentado através de análise superficial (isto é, sem recurso a escavação) das realidades arquitetónicas, é precisamente na região de Lafões, que integra o contexto e tradição megalíticos da Beira Alta. Estas mamoadas de pequenas dimensões, com cistas no seu interior, são um tipo de sepulturas que, abarcando toda a Idade do Bronze, são especialmente frequentes na sua fase final. Outros tipos de estruturas funerárias existentes nesta fase são as sepulturas planas, de forma sub-retangular ou oval, abertas no substrato, cobertas com terra ou pedra. Há também vários pequenos *tumuli* com diâmetros entre 4 m e 10 m e alturas entre 20 cm e 50 cm, pouco visíveis, utilizando elementos de quartzito para os evidenciar e também pequenas lajes em xisto cinzento brilhantes. Alguns desses *tumuli* apresentam anéis pétreos de delimitação, embora a maioria o seja com envolvimento de afloramentos rochosos nas suas estruturas monticulares, alguns apresentando estruturas anexas às mamoadas (Carvalho e Carvalho, 2018).

Enfim, em todos os períodos houve diversidade de contextos funerários, soluções arquitetónicas, de ritos de âmbito mortuário. Neste caso concreto do Bronze final de Lafões, temos um excelente exemplo do fenómeno de “satelização” de dólmenes neolíticos por sepulturas proto-históricas, como referido acima. Porém, no caso específico do sítio objeto de estudo no presente trabalho, de acordo com os resultados das escavações efetuadas no local, não se tratará de uma sepultura, mas sim de um local de funções rituais, que foi apelidado de “afloramento monumentalizado” (Carvalho e Carvalho, 2018), inédito no atual território português, e que será descrito adiante. Considerando que os ‘afloramentos monumentalizados’ seriam locais cerimoniais/cultuais, questionámo-nos assim sobre o seguinte problema científico:

- Qual seria o contexto social e temporal, a cultura material e práticas cerimoniais/cultuais, do ‘afloramento monumentalizado’ de Malhada do Cambarinho?

Esta configurou-se como a grande questão, que se constitui como a base da presente dissertação. O seu estudo teve então como objetivos específicos os seguintes:

- Descrever a organização interna da necrópole da Malhada do Cambarinho (contexto ambiental/paisagístico, localização de cada um dos monumentos que a compõem, relações cronológicas e espaciais entre si, etc.).

- Conhecer melhor o ‘afloramento monumentalizado’ enquanto provável local cerimonial/cultural (localização, arquitetura, cultura material, cronologia, significado das respetivas covinhas, etc.).

- Interpretar os dados recolhidos para se entender melhor os outros casos já identificados em Lafões, designadamente nos concelhos de Vouzela e Oliveira de Frades (A. F. Carvalho, inf. pes.), após os incêndios de outubro de 2017, que foram reconhecidos em prospeção e ainda não escavados.

Com efeito, os “afloramentos monumentalizados” consistem num tipo inédito de monumentos cerimoniais para os quais não se conhecem até ao momento paralelos no nosso país, fora do território de Lafões, com exceção de um caso nas Ilhas Britânicas, no sítio de Strathtay, na Escócia, que parece ser muito semelhante ao nosso.

Quanto à estrutura deste texto, após esta introdução, no segundo capítulo, aborda-se o megalitismo na região de Lafões, para contextualizar o estudo, incidindo-se na organização interna da necrópole da Malhada do Cambarinho (localização de cada um dos monumentos que a compõem, relações espaciais entre si, etc., contexto paisagístico / ambiental); no terceiro capítulo, relata-se a metodologia utilizada para caracterizar de forma mais completa este novo tipo de realidade ritual, nomeadamente apoiada num estudo dos fragmentos de cerâmica e líticos encontrados, de modo a documentar as técnicas construtivas e a sua estrutura interna; no quarto, apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos neste estudo, na medida do possível fazendo comparações com outros ‘afloramentos monumentalizados’. Seguem-se as conclusões e perspectivas para estudos futuros, as referências bibliográficas, um apêndice e os anexos.

II. CONTEXTUALIZAÇÃO: O MEGALITISMO DO CONCELHO DE VOUZELA NO CONTEXTO DA REGIÃO DE LAFÕES. A NECRÓPOLE DE MALHADA DO CAMBARINHO

1. O megalitismo na região de Lafões

A região de Lafões situa-se na Beira Alta, correspondente na sua maior parte aos atuais concelhos de Vouzela, S. Pedro do Sul e Oliveira de Frades. Está encravada na bacia hidrográfica do Médio Vouga, apresentando algumas características geográficas e bioclimáticas particulares, decorrentes de se situar numa posição de charneira entre o interior beirão e o litoral atlântico. É uma zona muito acidentada, sendo a bacia fechada, ao norte, pelos contrafortes do maciço da Gralheira e, ao sul, pelas encostas, menos declivosas, da serra do Caramulo. O setor mais norte da Beira Alta é marcado por dois importantes domínios geológicos: por um lado, os planaltos centrais e a Plataforma do Mondego; e, por outro, por uma importante cadeia de montanhas formada pela serra de Montemuro, maciço da Gralheira (ou serra da Arada) e serra do Caramulo, de orientação Norte-Sul, cadeia montanhosa que a separa das planícies litorais do Centro-Norte do País, entre o baixo Douro e o baixo Mondego.

A adaptação humana às condições territoriais foi um processo lento, desigual nos ritmos e nas formas de ocupação nas diferentes regiões. As condições topográficas exercem muita influência sobre o modo de vida das comunidades que nelas se fixam. Estava-se na Pré-História numa fase em que o Homem tinha de se subordinar aos recursos existentes, aproveitando o que a natureza lhe permitia obter.

Entre a segunda metade do VI milénio a. C. e inícios do II milénio a. C., a paisagem e a sociedade foram-se transformando profundamente, sem que tivessem sido, de imediato, abandonadas a caça e a recolção, mas denotando-se uma progressiva implantação de um modo de produção agro-pastoril e, depois, com os inícios da metalurgia do cobre e do bronze.

As dependências da serra do Caramulo e do maciço da Gralheira foram as zonas mais densamente povoadas. As populações pré e proto-históricas habitavam preferencialmente em zonas elevadas, a julgar pela localização e densidade relativa das suas necrópoles e pela localização dos povoados fortificados fundados na Idade do Bronze e (continuamente?) ocupados em diversos casos até à Idade Média. É possível, no entanto, que as comunidades neolíticas estivessem preferencialmente instaladas no fundo dos vales, mais irrigados e com melhores solos. “Nos pontos mais altos da serra, em torno do vértice de Janus (1043 m), podem-se observar aplanamentos talhados nos chamados ‘granitos de Lafões’, onde se encontram as mais emblemáticas necrópoles megalíticas do município (Vale d’Anta e Malhada do Cambarinho)” (Carvalho e Carvalho, 2018, p. 41).

Parece poder afirmar-se que, na Beira Alta, estamos perante um dos mais importantes lugares onde marca presença o megalitismo na Península Ibérica, onde foi possível identificar, com efeito,

inúmeros monumentos funerários, do Neolítico à Idade do Bronze, de diversas tipologias – variedade arquitetónica, dimensões – e modos de implantação no território.

No caso de Lafões, assim como de toda a Beira Alta, as mamoadas podem ser construídas de diferente forma, esconder diferentes tipos de estruturas internas e estar relacionadas com comunidades muito diversificadas na sua organização social e na razão para a qual construíam ou utilizavam os *tumuli* – e este fenómeno, como referido, decorreu entre o Neolítico e o fim da Idade do Bronze.

Os sepulcros mais antigos são, por vezes, de grande porte, apresentando câmaras simples (aberta ou fechada), de planta poligonal, e apresentam já também corredor longo. A cronologia absoluta disponível aponta para o início do IV milénio a.C.

Os túmulos seriam como que uma marca simbólica de posse do território, representando também tradição e estabilidade. É possível que escolhessem os sítios mais altos para a implantação das mamoadas, pois esses seriam os sítios cenicamente propícios, considerados sagrados e de onde eles e as necrópoles vizinhas se viam. O megalitismo funerário é um indício da crescente complexidade social, em que os grupos humanos foram tendo de legitimar interesses de controlo coletivo, com recurso a redes de parentesco que se estruturaram em torno dos mortos. Este padrão parece ter continuidade pelo Calcolítico, período durante o qual tem lugar sobretudo a reutilização de monumentos anteriores, neolíticos. Este facto está particularmente evidente durante o campaniforme.

Na passagem da Idade do Bronze Médio para a Idade do Bronze Final, ter-se-á dado possivelmente uma alteração no modo de se evidenciar o poder, sendo que os cenários de afirmação do poder e importância, antes do Bronze Final, centrar-se-iam de preferência em torno dos lugares sepulcrais. A partir do Bronze Final, surgiram novos espaços rituais, “nos quais emergem práticas (...) de consumo ostentatório (...) efectuadas pelas elites (...)” (Alves, 1995). Talvez certos lugares se tenham tornado mais importantes do que outros devido ao facto de possuírem monumentos de alguns grupos das comunidades que conseguiram criar os excedentes indispensáveis e que puderam reunir apoiantes, num processo que decorria da intensificação económica, de maior coesão social e de legitimação de elites; estas terão criado esquemas de poder e liderança, circulação de informações e redes de troca; ostentariam meios, que ultrapassavam o sustento, podendo desviá-los para o simbólico. Provavelmente, as diferenças de poder assentariam no reconhecimento por parte dos que se submetiam ao poder, acreditando estes que o poder seria exercido no interesse fundamental para o grupo.

O megalitismo funerário permite supor que, progressivamente, a vida social dos grupos humanos se ia complexificando e, à medida que iam ocupando o espaço, através de um largo lapso temporal, criavam-se tensões entre os grupos, no contexto de estratégias de marcação do território

que iam ocupando. Como que para legitimação de interesses de controlo coletivo, ter-se-ão projetado em linhagens, as redes de parentesco estruturando-se em torno dos mortos. Os campos cultivados passavam a ser tutelados pela memória dos mortos. A construção de “casas para os mortos” era um meio de conferir “poder aos vivos”. Para se efetuarem essas construções grandes, era preciso coordenar o trabalho de grupos relativamente numerosos, por vezes provenientes de comunidades diferentes (Oosterbeek. 2008, p. 9-10). Assim, ter-se-á instalado progressivamente a desigualdade social, de forma cada vez mais acentuada, entre grupos e dentro do mesmo grupo.

A dimensão da construção de monumentos, concebidos como locais de enterramento, variou conforme se destinavam a enterramentos coletivos (espaçosos, geralmente com corredores, prevendo-se o acesso à câmara de vários elementos do grupo, pelo menos em algumas ocasiões, exigiam maior investimento em energia humana e tempo de trabalho) ou a enterramentos não coletivos, situação que talvez tivesse a ver com a relação ‘vivos’/‘defuntos’, no dizer de Oliveira Jorge. Os dólmenes de corredor também eram lugares de legitimação. O grande dólmen da Malhada de Cambarinho, isto é, o Monumento 1, sendo uma sepultura coletiva, evidencia a crescente afirmação de elites, que ocorreu na transição do Neolítico para o Calcolítico, numa altura em que se deu uma intensificação económica, com reflexos no social. Na Beira Alta, com efeito, surgem artefactos em sílex, rocha inexistente na região, o que mostra que haveria circulação comercial, havendo já excedentes para trocas no vale do Vouga.

Nas fases mais antigas dos enterramentos, a maioria da população não seria depositada nesse tipo de túmulos. No átrio, cumprir-se-iam certos rituais, mas nas câmaras eram depositados corpos e oferendas, rituais a que assistiam apenas determinados membros do grupo, nomeadamente os considerados descendentes do defunto em linha direta. As pessoas comuns seriam enterradas em monumentos dolménicos modestos nas suas dimensões, em sepulturas simples, em fossa ou entre penedos.

A partir de finais do III milénio, parecem ter-se estabelecido já redes de contacto à distância (Cardoso, 2002). Com o passar do tempo, já no 2º milénio/início do 1º milénio a.C., ter-se-ão reunido condições favoráveis à emergência de ligações à Europa além Pirenéus, do território que hoje corresponde a Portugal. Agora, na Idade do Bronze, vemos um período de uso intenso de metais e de redes de desenvolvimento do comércio.

Nesta fase, houve também uma importante mudança, dupla, nas práticas funerárias; o ritual de enterramento passara de coletivo a individual, e a inumação cedera lugar à incineração. De acordo com o resultado da análise das estruturas internas de alguns monumentos datados do Neolítico, seja através de escavação, seja através de prospeção convencional, na região existem dólmenes simples, com câmaras poligonais com nove esteios e antas com câmaras simples de planta retangular. Já os dólmenes complexos são compostos por câmaras poligonais, corredores de

acesso e outras estruturas adjacentes como átrios e corredores intratumulares. Englobados em algumas destas necrópoles megalíticas, ou formando necrópoles puramente constituídas por pequenas mamoaas, existe um vasto conjunto de *tumuli* de menor tamanho, cuja datação permite supor-se serem da Idade do Bronze, em particular da sua fase final, e que correspondem à materialização daquelas alterações nas práticas funerárias.

Na região de Lafões, foi identificada cerca de centena e meia de túmulos, cujo estudo está em curso, que confirmam “a extrema complexidade do mundo funerário e de rituais associados à morte, que se desenrolaram num período entre o século XV e IX antes de Cristo, na transição da Idade do Bronze Médio para o Bronze Final. Este é um período em que se afirmaram as práticas de incineração que implicaram (...) alterações de rituais, mas (...) alteraram o entendimento da materialidade do corpo humano (...)” (Carvalho, 2020, p. 1).

Embora algumas comunidades reutilizassem velhos monumentos megalíticos para depósito das cinzas, a grande maioria terá construído pequenos túmulos, pequenos montículos circulares, baixos, com cerca de meio metro de altura e 4 ou 5 metros de diâmetro, em cujo centro estão cistas com urnas ou cinzas, fossas com carvões, tendo utilizado pedras de quartzo leitoso e xisto luzente para assegurarem a sua visibilidade destacada na paisagem. Muitos satelizam monumentos megalíticos, formando grandes necrópoles. Este é o caso, por exemplo, da necrópole das Almas do Capitão, em Vouzela, ou a da Casinha Derribada, em Viseu (Carvalho e Carvalho, 2018).

Em Vouzela, um dos exemplos já escavados é a mamoa proto-histórica do Monte Cavallo, cujos resultados de escavação (março-maio de 2019) mostraram uma mamoa constituída por blocos de granito, com dois anéis pétreos concêntricos, com 15 m de diâmetro por 0,6 m de altura no centro, cobrindo duas cistas e mais uma cista no exterior. As cistas 1 e 3 foram construídas com lajes de granito e a 2 com lajes de xisto. Embora os vestígios tumulares tivessem pequena expressão superficial, os investigadores demonstraram que escondiam realidades mais complexas. Monte Cavallo poderá ter sido um dos espaços funerários dos habitantes do conhecido povoado da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro Sul), do Bronze Final (Carvalho *et al.*, 2021).

Essa escavação revelou um extenso *tumulus*, com duas cistas de incineração, delimitado por dois semicírculos líticos e um anel lítico maior, formado por lajes na vertical, cujo topo se projeta acima do *tumulus*, bem como a existência de uma terceira cista, cuja arquitetura permitiu a sua integração no Bronze Final (Pereira *et al.*, 2019).

2. A necrópole de Malhada do Cambarinho: contexto geográfico, descoberta, trabalhos realizados e descrição dos monumentos

A necrópole de Malhada do Cambarinho corresponde a um complexo de sítios que se localiza numa bacia de montanha, situada no extremo noroeste da Serra do Caramulo, a uma altitude média de 800 m acima do nível do mar (a.n.m.). No limite poente dessa bacia, a jusante das linhas de água que originaram o Rio Alfusqueiro, existe hoje uma pequena barragem. O Rio Alfusqueiro é um afluente do Rio Águeda, que, por sua vez, é um afluente do Rio Vouga. Estes elementos testemunham a abundância de água no local, fator favorável à fixação de comunidades humanas, pelas possibilidades de exploração económica que proporciona.

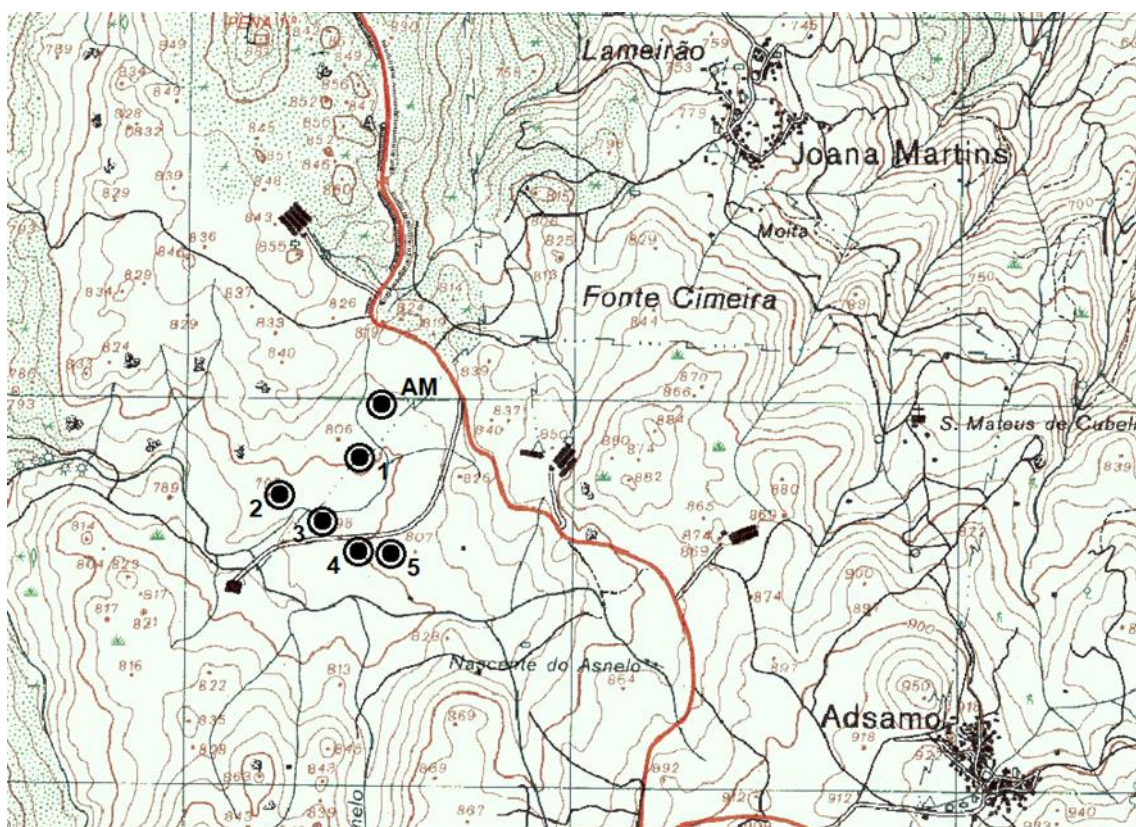


Figura nº 1 - Localização da necrópole megalítica da Malhada do Cambarinho em excerto da Carta Militar de Portugal (n.º 177), com indicação dos monumentos conhecidos: AM - “afloramento monumentalizado”, objeto dos trabalhos de escavação a que reporta o presente relatório; 1 - dólmen da Casa da Orca (escavada por A. de Amorim Girão); 2 e 3 - Mamoas 2 a 3 (descobertas por Amorim Girão; não escavadas, deverão datar da Pré-História Recente); 4 e 5 - Mamoas 4 e 5 (descobertas no âmbito do presente projeto; não escavadas, deverão datar da Idade do Bronze Final)

Fonte: in Carvalho, 2021, *Relatório Preliminar de Escavação*, p. 6

A configuração física do terreno, na margem esquerda do Vouga, favoreceu a predominância de megálitos, cujos construtores preferiram os platôs não muito extensos e, ao mesmo tempo, defendidos por ligeiras elevações, sobretudo do lado do Caramulo. Assim, os monumentos megalíticos encontram-se sempre em zonas planas ou planálticas e em que a água era abundante.

A encosta noroeste da serra do Caramulo, onde se localiza a Malhada do Cambarinho, constitui o mais importante centro de monumentos megalíticos no território do concelho de Vouzela. A ladear a bacia acima referida, há algumas cumeadas graníticas, para além das quais se encontram diversos monumentos tumulares e rituais datados da pré-história e da proto-história. Estes monumentos encontram-se sempre em zonas planálticas ou pouco elevadas e geralmente com abundância de água.

As populações pré-históricas habitavam preferencialmente em zonas elevadas, aqui com maior incidência nas orlas montanhosas que limitam a bacia de Lafões. “Nos pontos mais altos da serra, em torno do vértice de Janus (1043 m), podem-se observar aplanamentos talhados nos chamados ‘granitos de Lafões’, onde se encontram as mais emblemáticas necrópoles megalíticas do município (Vale d’Anta e Malhada do Cambarinho)” (Carvalho e Carvalho, 2018, p. 41).

Os monumentos que constituem a necrópole de Malhada do Cambarinho implantaram-se aproveitando pequenas elevações naturais pré-existentes no interior da bacia da Malhada do Cambarinho. O material de construção foi predominantemente o granito, a rocha que constitui o substrato geológico local.

Foi Amorim Girão, em 1921, quem fez o trabalho pioneiro de prospeção e escavação e publicou uma primeira síntese regional, com a descrição de dólmenes, mencionando os primeiros monumentos vouzelenses, tendo registado 19, entre os quais esta necrópole, salientando que era muito precário, por circunstâncias várias, o estado de conservação de muitos dos monumentos identificados. Em 1966, Irisalva Moita regista 18, e, em 1998, Vera Leisner, 21, números, portanto, sempre muito próximos entre si.

Cardoso (1999) retomou os contributos daqueles autores, produzindo, com base nesses contributos, uma importante síntese circunscrita ao município de Vouzela. Com efeito, apresentou um inventário pormenorizado dos monumentos funerários megalíticos neste concelho, referindo que “Os monumentos evidenciam uma distribuição não aleatória: ao contrário, é evidente a aglutinação de dois a quatro monumentos de cada vez, constituindo verdadeiros núcleos, embora também ocorram monumentos isolados” (p. 175), fazendo-se a distribuição no terreno mediante condicionantes de ordem geomorfológica ou natural. No seu inventário, Cardoso debruça-se sobre os monumentos, que identifica como de 19 a 21, da necrópole da Malhada do Cambarinho, que considera o conjunto mais ‘empolgante’ (p. 182-185). Constituem esse conjunto os três monumentos, que Girão havia descrito anteriormente:

A Casa da Orca da Malhada de Cambarinho (coordenadas geográficas: 40°40'47.8" N / 08°07'14.0" W; altitude: 796 m a.n.m.) é, sem dúvida, o monumento megalítico do concelho de Vouzela mais vezes citado na bibliografia, tendo sido referenciado pela primeira vez, em 1921, por Amorim Girão, que ali efetua uma “exploração”. Este autor faz uma exaustiva descrição do

monumento, publicando uma planta e um desenho realizado por Rodrigues da Costa (Girão, 1921, fig. 7). Como resultado da exploração, Amorim Girão refere, no trabalho de 1921, o achado de “um pedaço de cristal de rocha (...), uma perfeita ponta de seta em sílex (Est. I, nº3) com a forma de fôlha de loureiro, serrilhada (...); pedaços de carvão, (...) numerosos fragmentos de objectos de cerâmica fabricados ou com barro grosseiro da localidade, algumas vezes pintado a vermelho, ou ainda com barro mais fino. Um destes últimos apresenta gravados uns característicos desenhos (...)” (*op. cit.*, p. 49). No entanto, Vera Leisner não só redesenha as duas pontas de seta e o cristal referidos e desenhados por Amorim Girão como acrescenta três lâminas (uma inteira e duas fragmentos), um micrólito geométrico e uma ponta de seta, todos em sílex.

Este é um dólmen complexo, de câmara e corredor médio, aberto a E.SE. com um *tumulus* bem conservado na sua parte basal, com 1,5 m de altura conservada e cerca de 15 m de diâmetro, composto por pedras em granito. A câmara funerária encontra-se quase totalmente desmantelada, restando apenas o primeiro esteio do lado norte, deslocado e bastante inclinado para o interior. Este mesmo esteio surge em perspectiva nas plantas do casal Leisner, um pouco deslocado da posição real, a ladear um outro esteio que não é atualmente visível no terreno.

O corredor, diferenciado em planta e alçado, com 5,52 m de comprimento, apresenta uma largura de 0,84 m à entrada e 1,10 m junto à câmara e 11 esteios, todos inteiros e *in situ*, cinco do lado norte e seis do lado sul. A altura máxima do corredor é de 1,40 m, conservando apenas uma laje de cobertura em cujo topo foram gravadas três covinhas. Junto destas podem ainda observar-se a letra “A” (erradamente referida como uma cruz por Carvalho *et al.*, p. 100), inicial de “Antero”, o irmão de Amorim Girão que o acompanhava, e a data de 1910, altura em que esta visita foi feita. Moita (1966), Jorge (1982) e Leisner (1998) concordam, no entanto, que o corredor corresponderia a uma galeria coberta, o que não é sustentável pois corresponde, como se disse acima, à parte conservada do corredor de um grande dólmen cuja câmara está hoje totalmente desaparecida, que se encontra marcada por uma depressão visível no terreno (Carvalho *et al.*, 1993).

Os monumentos da Malhada de Cambarinho 2 e 3 correspondem a duas mamoadas próximas da anteriormente mencionada, referidas por Girão (1921), Moita (1966), Leisner (1988) e, mais recentemente, também descritas por Carvalho *et al.* (1993).

Localizado a 200 m a oeste da Casa do Orca da Malhada do Cambarinho, o Monumento 2 (coordenadas geográficas: 40°40'45.5" N / 08°07'23.8" W; altitude: 799 m) apresenta uma mamoadas bem conservada, de planta subcircular, com diâmetro N-S de 13,5 m e E-O de 14 m e cerca de 1,5 m de altura conservada. Composta por pedras em granito, encerra um dólmen de corredor, cujos vestígios se resumem a dois esteios da câmara e outros dois do corredor que estava orientado a E.SE.

O Monumento 3 (coordenadas geográficas: 40°40'43.1" N / 08°07'19.5" W; altitude: 796 m) apresenta uma mamoa bem conservada, embora bastante compactada, composta por pedras em granito, apresentando uma planta subcircular com uma altura conservada de cerca de 1 m e um diâmetro N-S de 15 m e E-O de 14,5 m, que indicia a presença de um dólmen de corredor. Ao centro, é possível observar-se um esteio em granito.

Estes três monumentos situam-se em pequenas elevações, verificando-se que, no concelho, a distribuição dos monumentos ocorre em espaços que correspondem a plataformas ou rechãs mal drenadas, de solos abundantes em água. Este mesmo padrão pode ser observado também nesta necrópole, como se pode ver adiante.

O incêndio de 15 de outubro de 2017, que destruiu a densa cobertura florestal da região, tendo consumido mais de 90% da cobertura florestal, que cobria o solo do território vouzelense e impedia a sua observação conveniente, permitiu uma abordagem extensiva nas áreas ardidas e, assim, a identificação de muitos outros monumentos.

O incêndio permitiu obter uma visão clara do conjunto das manifestações tumulares, sob mamoa, pré e proto-históricas da região, mostrando várias dezenas de monumentos funerários de diferentes dimensões, tipologia, modos de implantação e cronologia. No caso do concelho de Vouzela, cujo município encetou rapidamente trabalhos de prospeção sistemáticos em toda a zona ardida, foi possível verificar um crescimento do número de monumentos conhecidos, dos quais a larga maioria pertence precisamente à fase proto-histórica do fenómeno, tanto de reutilizações de necrópoles preexistentes como de surgimento de muitas outras necrópoles (Carvalho *et al.*, 2020). Em 2017, a DGPC na base de dados Endovélico regista 45 ocorrências; o Projeto MEGA Lafões, em 2021, dá conta de um total de 160.

Foi no âmbito destas descobertas propiciadas pelos incêndios florestais de 2017 que se descobriram (ou que foram mais aprofundadamente documentados, no terceiro caso) três outros monumentos na necrópole da Malhada do Cambarinho: duas pequenas mamoas verosimilmente proto-históricas (os Monumentos 4 e 5) e o “afloramento monumentalizado” objeto de estudo neste trabalho.

O Monumento 4 (coordenadas geográficas: 40°40'41.0" N / 08°07'12.7" W; altitude: 801 m) consiste num pequeno *tumulus* de planta circular, com um diâmetro de 11 m, e cerca de 1 m de altura, bastante destruído e truncado a sul por um caminho carreteiro. É composto por pedras de granito e apresenta uma ampla cratera de violação central.

O Monumento 5 (coordenadas geográficas: 40°40'40.09"N / 08° 7'10.29" W; altitude: 801 m) encontra-se muito destruído, com apenas 0,50 m de altura conservada, e um diâmetro calculado de 5,50 m. É composto por pedras em granito.

Finalmente, o sexto monumento é o “afloramento monumentalizado”, a que se procederá a detalhada descrição adiante, fazendo uso também dos dados obtidos em escavação. Foi, com efeito, no contexto dos trabalhos mais recentes, posteriores ao incêndio de 2017, que se pôde observar pela primeira vez, e de forma inequívoca, o tipo de sítio arqueológico em questão, que se tem vindo a designar daquela forma (Carvalho e Carvalho 2018), cuja localização mais precisa é indicada no início do capítulo IV, parecendo permitir supor uma correlação cronológica e funcional com aquela e uma associação a rituais funerários. A primeira referência a este local específico da Malhada do Cambarinho remonta já ao início do presente século, devendo-se a Caninas *et al.* (2004) que o descobriu durante o estudo de incidências ambientais do Parque Eólico de Fornelos do Monte. Estes autores identificaram então o que classificaram como sendo um afloramento com arte rupestre (dada a presença de covinhas), junto à necrópole megalítica de Malhada do Cambarinho. Estes autores descrevem, com efeito, um afloramento próximo da necrópole de Malhada do Cambarinho, como um pequeno maciço rochoso constituído por diversos blocos naturais e uma estrutura subcircular envolvente, tendo em posição central e bem destacado acima do solo; e ainda que o afloramento exhibe quatro covinhas gravadas no seu topo e, na base, um outro bloco com três covinhas.

III. METODOLOGIA

1. Contexto e âmbito da investigação

Como anteriormente referido, este trabalho incidiu sobre o ‘afloramento monumentalizado’ de Malhada do Cambarinho, cujo contexto espacial é a necrópole de Malhada do Cambarinho, no concelho de Vouzela.

O estudo iniciou-se por uma revisão da literatura disponível sobre o megalitismo, sobre as investigações arqueológicas no território de Lafões e, muito particularmente, no concelho de Vouzela. O ponto de partida deste trabalho foram os relatórios de escavação de 2019 e 2021, redigidos pelo Professor António Faustino Carvalho, complementados pelas informações contidas na obra de 1921 de Amorim Girão.

Procurou-se encontrar resposta para os problemas relativos à funcionalidade e significado do ‘afloramento monumentalizado’, visto poder considerar-se que não estamos perante um monumento funerário.

Visando a consecução dos objetivos propostos, foram efetuados trabalho de campo e trabalho de laboratório, para análise do espólio recolhido. No contexto deste trabalho, fez-se em laboratório um estudo dos materiais exumados nas escavações de 2019 e em 2021, que se limitaram a fragmentos de cerâmica, líticos e carvões encontrados.

A escavação foi efetuada através de estratos naturais, com coordenação 3D sistemática dos materiais, registo altimétrico (em planta e fotografia) dos sucessivos planos de escavação e perfis, e crivagem a seco dos sedimentos (Carvalho, 2021, p. 2).

Os dados foram analisados qualitativamente e quantitativamente, interpretando os dados recolhidos e comparando-os com os de outros estudos.

A seleção da metodologia utilizada teve em conta a sua exequibilidade no tempo letivo disponível para a sua realização, considerando que o objeto de estudo é um novo tipo de monumento cerimonial, associado a uma necrópole de fundação neolítica, com reutilizações calcolíticas dos dólmenes e construção de novos *tumuli* na Idade do Bronze.

Em termos metodológicos no terreno, foi colocada em prática a escavação através de estratos naturais (e sua subdivisão em níveis artificiais sempre que pertinente), com coordenação 3D sistemática dos materiais, registo altimétrico (em planta e fotografia) dos sucessivos planos de escavação e perfis, e crivagem a seco dos sedimentos (e flutuação pontual de amostras dos mesmos). Não se revelou pertinente proceder à recolha de amostras íntegras e soltas de sedimentos para posteriores estudos de micromorfologia.

2. Procedimentos de investigação

Os trabalhos de escavação, numa primeira fase, foram antecidos pelo levantamento topográfico do sítio, em junho de 2019. Foi feito um levantamento topográfico convencional e fotográfico com recurso a *drone*, para documentação da realidade e do estado de conservação prévio à escavação.

Nessa fase (2019), fez-se a abertura de uma sondagem de 8 m² no *cairn*, de modo a documentar as técnicas construtivas e a sua estrutura interna e a abertura de duas sondagens na vertente que se desenvolve a nascente do afloramento: uma abertura na parte norte da estrutura da área escavada no interior do recinto, a remoção do *cairn*, que tem uma espessura média de 40 cm, formado por blocos de granito e alguns de quartzo, onde se recuperaram alguns fragmentos de cerâmica e líticos dispersos, sobretudo na interface entre a base do *cairn* e o topo do substrato granítico, e onde se observou a presença de um possível espaço de fogueira (Quadrados I-L/19-20); foi possível observar-se também a existência de um espaço entre dois blocos do anel, uma depressão regular e profunda, que sugeriu “a presença de um alvéolo onde estaria colocado um bloco ou laje granítica, entretanto removida (...)” (Carvalho 2019, p. 4); outra de 12 m², na vertente (Quadrados K-L /32-37), na área de maior afastamento em relação ao recinto. No final dos trabalhos de 2019, a área aberta foi de 28 m². (Carvalho, 2019, p. 3-4).

“Os trabalhos realizados nos primeiros quadrados foram os únicos que incidiram sobre o espaço interno da estrutura de monumentalização do afloramento, tendo resultado na caracterização do seu *cairn* (estruturação, espessura, etc.) e na identificação de alguns fragmentos de cerâmica proto-histórica na interface entre esta estrutura e o substrato. Porém, a escavação destes quadrados não ficara concluída”. (Carvalho, 2021, p. 1)

Em julho de 2021, desenvolveu-se novamente trabalho de campo, em Malhada do Cambarinho, de modo a documentar as técnicas construtivas e a sua estrutura interna e a contextualizar os materiais anteriormente analisados, cujos resultados são apresentados no quarto capítulo, bem como perspetivar a funcionalidade do afloramento.

No decurso dos trabalhos de 2021, realizou-se a:

- Conclusão da escavação dos quadrados I-L/19-20, acima referidos, para documentação integral da arquitetura e depósito arqueológico da estrutura.
- Abertura de outra sondagem no exterior do monumento, junto à linha de água que o circunda a norte e poente, para verificação da existência de algum nível arqueológico nesse ponto. Esta sondagem abarcou os quadrados K-L/11-16, tendo-se verificado aí a inexistência de qualquer nível arqueológico.
- Abertura de outras sondagens com o mesmo objetivo: os quadrados V-X/19-20 e os quadrados N-O/23-24.

Relativamente aos resultados obtidos na escavação de 2021, destacamos que (Carvalho, 2021):

Os Quadrados I-L/19-20 e J-K/21, que correspondem ao interior do recinto e haviam sido escavados em 2019 através de quatro “planos de escavação”; faltava apenas definir melhor a topografia do substrato granítico, o que foi feito em 2021, após a remoção de alguns blocos que não fora possível remover em 2019. Esta ação revelou poucos mais materiais, como abaixo se refere.

Essa observação conduziu à escavação de uma pequena área de 1m × 0,5 m correspondente aos quadrantes SW de K21 e NW de J21. A pequenez deste alargamento imprevisto visou deliberadamente a não afetação da estrutura do *cairn* por razões conservacionistas.

Apesar da sua pequenez, esta área de escavação continha informação contextual, estratigráfica e material particularmente bem conservada para a determinação cronológico-cultural do sítio.

Nos quadrados K-L/11-16, pôde remover-se apenas a camada superficial, de sedimentos arenoargilosos soltos, acastanhados, com densas raízes de vegetação rasteira e uma componente humosa, com cerca de 10-15 cm de espessura, que cobria diretamente o substrato granítico. Onde este apresentava depressões, estas estavam preenchidas com blocos lajiformes, colocados horizontalmente de modo a formar uma carapaça pétreia, a qual se encontrava já parcialmente desmantelada, mas que deveria originalmente cobrir todo o flanco noroeste do monumento.

Nos quadrados N-O/23-24, a escavação revelou somente a camada superficial, com 15-20 cm de espessura e assente diretamente no substrato granítico alterado.

A escavação dos quadrados V-X/19-20 revelou somente a camada superficial, com 15-20 cm de espessura e assente diretamente no substrato granítico alterado.

Não existindo *cairn* ou carapaça pétreia preservada nestes dois últimos conjuntos de quadrados, é muito provável que não tenha havido aqui estruturas construídas, pelo menos deste tipo, tanto mais que se trata de uma adjacência aplanada do afloramento, provavelmente também se tratando de um espaço “exterior” destinado igualmente a rituais relacionados com os que ocorreriam no interior do perímetro monumentalizado.

É possível ainda que alguns dos grandes blocos que delimitam o afloramento tenham sido esteios removidos de monumentos megalíticos das proximidades, atendendo à morfologia de alguns deles, o que poderá vir a abrir importantes vias de estudo destas realidades. Podemos pensar, por exemplo, que a Casa da Orca, que faz parte desta necrópole, possa ter tido câmara funerária, no passado, esteios de que não se conhece o paradeiro.

O espólio de 2021, tal como acontecera em 2019, encontra-se depositado provisoriamente no Laboratório de Arqueologia e Restauro da Universidade do Algarve, para tratamento, prevendo-se que o local de depósito definitivo, após conclusão do seu estudo e publicação de resultados,

venha a ser o Museu Municipal de Vouzela.

IV – O AFLORAMENTO MONUMENTALIZADO: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

1. O afloramento monumentalizado: localização e estruturas construídas

1.1. Relação com o espaço da necrópole

Já no início do presente século, Caninas *et al.* (2004), durante o estudo de incidências ambientais do Parque Eólico de Fornelos do Monte, tinham identificado o que classificaram como sendo um afloramento com arte rupestre (dada a presença de covinhas), junto à necrópole megalítica de Malhada do Cambarinho, que descreveram como um pequeno maciço rochoso constituído por diversos blocos naturais e uma estrutura subcircular envolvente, em posição central e bem destacado acima do solo, e, ainda, quatro covinhas gravadas no seu topo; na base, um outro bloco com dois covachos e uma covinha entre estes. Por esta razão, este ‘afloramento monumentalizado’, que tem o CNS-23394, está classificado na base de dados ENDOVÉLICO como ‘arte rupestre’ devido à presença das referidas covinhas, embora a atual nomenclatura já publicada ainda não conste do *thesaurus* daquela base de dados.

O ‘afloramento monumentalizado’ de Malhada do Cambarinho é um monumento que tem uma posição topograficamente dominante em relação à necrópole em que se situa. Não contém no seu interior quaisquer contextos funerários, conforme confirmado pelos dados das escavações de 2019 e de 2021. É um monumento semelhante ao afloramento do Vale d’Anta; é um afloramento granítico, possuindo elementos de quartzo que facilitam a sua visibilidade.

Na sua relação com a necrópole, o afloramento é o monumento que se situa no ponto mais alto e mais a norte, de onde se podem observar todos os outros. – com as seguintes coordenadas: 40° 40’ 52.3” / 9° 07’ 12.7” e 808 m de altitude. Com efeito, a sua situação permite-lhe visualizar todos os monumentos, de onde, por sua vez, o afloramento é visualizado; no entanto, a intervisibilidade entre os monumentos não é completa, nomeadamente considerando a situação da nº 5, que tem prejudicada a visibilidade em relação à nº 3, pela altitude a que se situa a nº 4 e da nº 3 para a nº 5, tal como da nº 2 para a nº 5.



Figura nº 2 - Vista aérea da Malhada do Cambarinho
Fonte: foto cedida por A. F. Carvalho



Figura nº 3 - Mapa da Malhada do Cambarinho (Escala 1:4000)
Fonte: foto cedida por A. F. Carvalho

1.2. Técnicas construtivas e estrutura interna

À diversidade nas composições arquitetônicas entre dólmenes neolíticos e pequenas mamoaos proto-históricas correspondem também grandes diferenças de número (i. e., de inventário) e deverão também “corresponder a soluções funerárias diferenciadas (...). Os paralelos existentes na Beira Alta permitem distinguir sepulcros de inumação, coletivos e individuais, e sepulcros de incineração. Os monumentos de inumação coletiva corresponderão aos grandes monumentos do Neolítico, e os de inumação individual (em cista) farão parte de um novo paradigma da Morte que se terá generalizado na Idade do Bronze, mas cujo início poderá remontar ao período calcolítico anterior. Por último, os monumentos de incineração deverão datar dos finais da Idade do Bronze (...)” (Carvalho e Carvalho, 2018, p. 42).

É também a esta fase dos comportamentos funerários sob mamoa, da região, que deverão pertencer os chamados ‘afloramentos monumentalizados’.

O caso concreto da Malhada do Cambarinho, associado à necrópole, foi o primeiro deles a ser identificado, após os incêndios de 2017, como anteriormente referido. Os trabalhos de escavação conduzidos em 2019 e 2021, por seu lado, permitiram documentar de forma mais detalhada a respetiva arquitetura, cronologia e função originais (Carvalho, 2019) da necrópole de Malhada do Cambarinho, bem como conhecer melhor o ‘afloramento monumentalizado’ em relação à necrópole neolítica e proto-histórica em que se insere. O estudo dos elementos recolhidos durante esses trabalhos de campo constitui o cerne do presente trabalho.

Este ‘afloramento monumentalizado’ é composto por um afloramento granítico central, duplo, já que apresenta uma fissura transversal, com cerca de 4 m de diâmetro máximo, atravessado por uma fissura transversal, com cerca de 4 m de diâmetro máximo. Tanto no afloramento como em alguns dos blocos que fazem parte do recinto, estão presentes covinhas. Nele, existem oito covinhas de diferentes diâmetros, situando-se cinco no maior e mais alto e três no outro. (Carvalho, 2021, p. 3).

Em torno do afloramento, existe um anel pétreo, composto por um número mínimo de dezassete blocos de granito, um dos quais apresenta três covinhas; o anel conforma um recinto, cujo solo é irregular e delgado (5-10 cm), com cerca de 10 m de diâmetro máximo, rodeando o *cairn*. No exterior deste anel, podem observar-se lajes bem estruturadas, o que permitiu supor-se que o *cairn* se estenderia para a sua envolvência contígua.

O *cairn* consiste numa estrutura de tipo mamoa, “formada sobretudo por blocos graníticos de diversas dimensões”, delimitada por um anel lítico, formado sobretudo por blocos de granito e alguns de quartzo. A sua espessura média é de 40 cm. No interior, os blocos apresentavam-se mal acamados; identificou-se também a presença de um possível espaço de fogueira, delimitada por blocos termoalterados. Nesta área, recuperaram-se alguns fragmentos de cerâmica, “dispersos

sobretudo entre a base do *cairn* e o topo do substrato granítico” (Carvalho 2019).

Em 2019, foram realizadas sondagens abertas em três áreas de três setores do monumento e da sua envolvente, isto é, os quadrados I-L/19-20, quadrados K-L/23-26, e quadrados K-L/32-37, cuja escavação não ficou concluída.

Apenas nos primeiros quadrados, os trabalhos incidiram sobre o espaço interno da estrutura de monumentalização do afloramento, o que permitiu a caracterização do seu *cairn* (estruturação, espessura, etc.) e a identificação de alguns fragmentos de cerâmica proto-histórica na interface entre esta estrutura e o substrato; faltava apenas definir melhor a topografia do substrato granítico após a remoção de alguns blocos, que não foi possível remover.

A escavação de 2021 (Carvalho, 2021, pp. 2-3) permitiu a conclusão da escavação dos quadrados I-L/19-20, para documentação integral da arquitetura e o depósito arqueológico da estrutura. Foi aberta outra sondagem no exterior do monumento, nos quadrados K-L/11-16, junto à linha de água que o circunda a norte e poente, não havendo aí qualquer nível arqueológico. Esta ação revelou poucos mais materiais: apenas alguns carvões dispersos por toda a área e fragmentos de cerâmica concentrados em J-K/20, tal como se verificara em 2019.

Tendo-se verificado que havia condições materiais e de tempo, foram abertas outras sondagens com o mesmo objetivo: os quadrados V-X/19-20 e os quadrados N-O/23-24.

A escavação foi colocada em prática “através de estratos naturais (e sua subdivisão em níveis artificiais sempre que pertinente), com coordenação 3D sistemática dos materiais, registo altimétrico (em planta e fotografia) dos sucessivos planos de escavação e perfis, e crivagem a seco dos sedimentos (e flutuação pontual de amostras dos mesmos). Não se procedeu à recolha de amostras de sedimentos”.

Nos Quadrados I-L/19-20 e J-K/21, que correspondem ao interior do recinto e tinham sido escavados em 2019, visando definir melhor a topografia do substrato granítico após a remoção de alguns blocos, que não fora possível remover em 2019, apenas se encontraram alguns carvões dispersos por toda a área e fragmentos de cerâmica, concentrados em J-K/20, à semelhança do que acontecera em 2019.

Nestes quadrados, que correspondem ao interior do recinto e haviam sido escavados em 2019 através de quatro “planos de escavação”, faltava apenas definir melhor a topografia do substrato granítico após a remoção de alguns blocos que não fora possível remover em 2019. Esta ação revelou poucos mais materiais: apenas alguns carvões dispersos por toda a área e fragmentos de cerâmica concentrados em J-K/20, tal como verificado em 2019, o que levou à escavação de uma pequena área de 1 × 0,5 m correspondente aos quadrantes SW de K21 e NW de J21, tendo-se tido o cuidado de não afetar a estrutura do *cairn*.

Nesta área de escavação, foi identificada informação contextual, estratigráfica e material particularmente bem conservada que permitiu a determinação cronológico-cultural do sítio. Em especial, destacando-se um fragmento de carena de um pequeno vaso (K21, n.a. 2, 3D: #02) (Figura nº 4) e um carvão talvez de casca de árvore (K21, n.a. 3 base, 3D: #06), ambos sob um pesado bloco granítico, que os selava e protegia de revolvimentos posteriores à sua deposição.



Figura nº 4 - Fragmento com carena e canelura

Fonte: foto cedida por A. F. Carvalho

Espera-se que esta associação e a possibilidade de se proceder à datação por radiocarbono do carvão permitam obter uma datação muito segura para este tipo inédito de sítio arqueológico.

Nos quadrados K-L/11-16, apenas foram removidas a camada superficial, de sedimentos arenoargilosos soltos, acastanhados, com densas raízes de vegetação rasteira e uma componente humosa, com cerca de 10-15 cm de espessura, que cobria diretamente o substrato granítico. Onde o substrato granítico apresentava depressões, estas estavam preenchidas com blocos lajiformes, colocados horizontalmente formando uma carapaça pétreia, já desmantelada parcialmente, mas que deveria originalmente cobrir todo o flanco noroeste do monumento.

A escavação dos Quadrados N-O/23-24 revelou somente a camada superficial, com 15-20 cm de espessura e assente diretamente no substrato granítico alterado; aí foram encontrados dois fragmentos de cerâmica pré-histórica, rolados.

A escavação dos quadrados V-X/19-20 revelou apenas a camada superficial, com 15-20 cm de espessura e assente diretamente no substrato granítico alterado.

Não existindo *cairn* ou carapaça pétreia preservada, nestes dois últimos conjuntos de quadrados, isso sugeriu que, muito provavelmente, não houve aqui estruturas construídas, pelo menos deste

tipo, suposição que se baseia na topografia deste setor do sítio arqueológico, percebendo-se que se trata de uma adjacência aplanada do afloramento, o que sugere, por sua vez, que se tratava de um espaço “exterior” destinado igualmente a rituais relacionados com os que ocorreriam provavelmente no interior do perímetro monumentalizado.

É possível, pela morfologia própria de alguns deles, que alguns dos grandes blocos que delimitam o afloramento tenham sido esteios removidos de monumentos megalíticos das proximidades. É de ter em conta que, Casa da Orca, a qual é um dólmen que faz parte desta necrópole, aparenta ter tido uma câmara funerária a qual terá sido desmantelada no passado, faltando os esteios cujo paradeiro se desconhece.

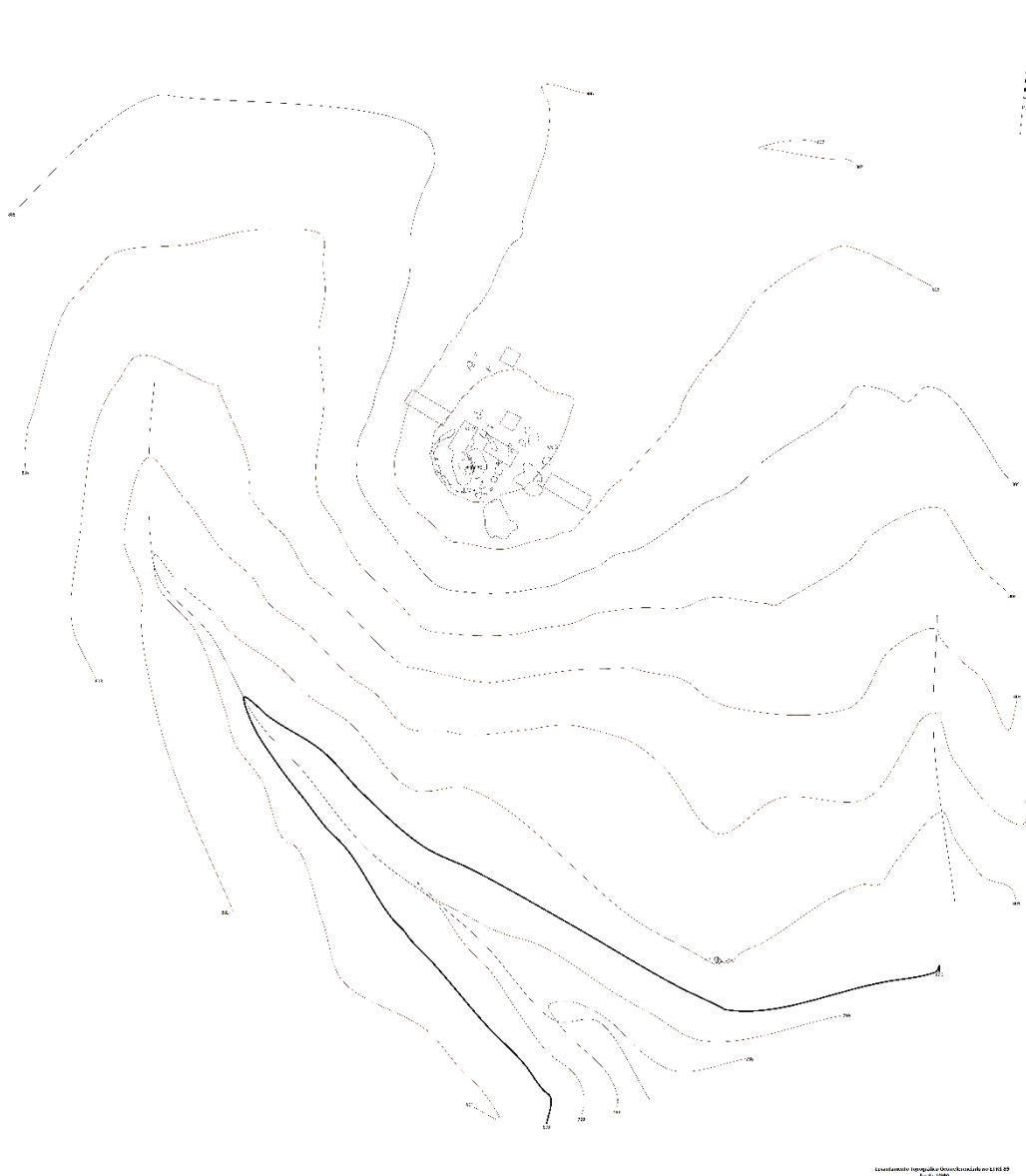


Figura nº 5 - Levantamento topográfico geral do afloramento monumentalizado, com representação das áreas de escavação

Fonte: in Carvalho, 2021, *Relatório Preliminar de Escavação*, p. 7

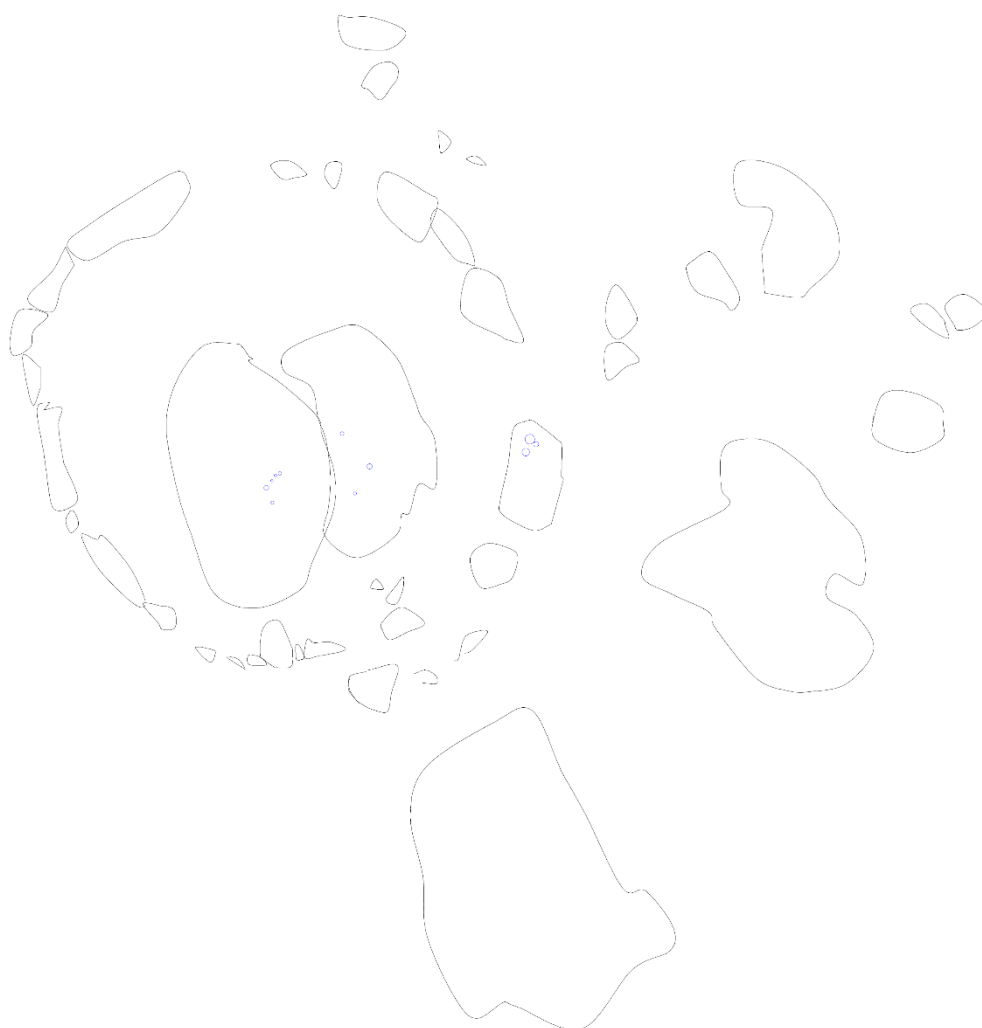


Figura nº 6 - Levantamento topográfico de pormenor do recinto e do afloramento monumentalizado

Fonte: in Carvalho, 2021, *Relatório Preliminar de Escavação*, p. 8

2. O espólio exumado: inventariação e análise

O espólio exumado nas escavações do ‘afloramento monumentalizado’ de Malhada do Cambarinho, em 2019 e 2021, foi muito reduzido, mas significativo, na medida em que permitiu contextualizá-lo temporalmente na Idade do Bronze e, dessa forma, datar o monumento.

No contexto deste trabalho, em laboratório, fez-se um estudo dos materiais exumados nas escavações de 2019 e de 2021¹, que se limitaram a fragmentos de cerâmica, líticos e carvões encontrados.

2.1. Cerâmica

Os fragmentos de cerâmica exumados são escassos, de muito pequenas dimensões, de paredes finas e superfícies alisadas, havendo diversos fragmentos de bojo, sem qualquer peça completa. Foram encontrados dois tipos de peças diferentes quanto às cozeduras, sendo um tipo de pastas acinzentadas, de cozeduras redutoras, com ENP de quartzo e outro de pastas castanho avermelhadas, talvez de cozeduras de maior tendência oxidante. Alguns fragmentos estavam em conexão, *in situ*, eram de pequenas dimensões, paredes finas erodidas/alisadas e, pelo menos um deles, com colo.

Ainda em termos de morfologias, note-se que surgiu também um fragmento de uma taça carenada, associada a uma canelura na sua parte superior, como se vê na foto da pág.22, que se constitui como a peça mais relevante de todo o conjunto em termos tipológicos, desde logo porque permite atribuição cronocultural.

As superfícies parecem ter tido bons acabamentos (embora na maior parte dos casos as superfícies dos cacos estivessem muito alteradas devido ao peso e contacto dos blocos graníticos do *cairn*), parecendo ser de atribuir à Idade do Bronze, talvez à sua fase final, o que está de acordo com a morfologia dos vasos que se deduz dos cacos referidos. Este é o caso muito particularmente do fragmento de carena acima referido.

Os fragmentos dos vasos encontravam-se dispersos, mas muitas vezes em pequenas concentrações de fragmentos quebrados *in situ*. Este padrão sugeriu que teriam sido quebrados intencionalmente (e ritualmente?) num momento imediatamente anterior à construção do *cairn*.

Do material cerâmico correspondente aos bens móveis recolhidos na Malhada do Cambarinho² foi construído o quadro, apresentado no Apêndice n.º 1.

Na escavação de 2019, os materiais exumados limitaram-se a fragmentos de cerâmica, de muito pequenas dimensões, de paredes finas e, pelo menos um deles, com colo.

Na escavação de 2021, apenas foram exumados alguns fragmentos de cerâmica concentrados nos

¹ Ver Apêndice n.º 1 – Catalogação do espólio das escavações de 2019 e 2021: Por proveniência (organizado por quadrado), por camada, por tipologia e por data da recolha.

² Apêndice n.º 1 - Catalogação do espólio das escavações de 2019 e 2021: Por proveniência (organizado por quadrado), por camada, por tipologia/observações e por data da recolha.

quadrados J-K/20, tal como verificado em 2019, incluindo o fragmento de carena a que se tem vindo a fazer referência.

Nos quadrados N-O/23-24, a escavação revelou somente a camada superficial, com 15-20 cm de espessura e assente diretamente no substrato granítico alterado, tendo-se encontrado dois fragmentos de cerâmica pré-histórica, rolados.

Nos quadrados V-X/19-20, a escavação não revelou quaisquer materiais arqueológicos.

2.2. Líticos

Os pouquíssimos elementos líticos parecem poder ter resultado do fabrico de utensílios em pedra; Porém, não tendo estes sido encontrados, e considerando o caráter ritual do sítio, fica em aberto o significado da sua presença neste contexto.

Em termos de inventário, nos trabalhos de 2019 e 2021, foram encontrados respetivamente, uma esquirola de sílex, uma lasca de quartzo e um seixo rolado; materiais como o sílex não existem localmente e, por isso, seriam resultado de importação de outras zonas.

2.3. Carvões

Foram também exumados alguns carvões (um pequeno conjunto) dispersos por toda a área. Quanto aos vestígios de carvão, talvez permitam supor o uso do fogo nessas cerimónias, visto que alguns elementos de cultura material estavam cobertos de fuligem.

Destaca-se um carvão, talvez de casca de árvore, recolhido no quadrado K21 (na base do n.a. 3, com a coordenação 3D #06), sob um pesado bloco granítico que o selava e protegia de revolvimentos posteriores à sua deposição, e diretamente associado ao fragmento de carena de vaso cerâmico. Esta associação e a possibilidade de se proceder à datação por radiocarbono do carvão permitirão determinar o coberto vegetal da região à época, depois de análise antracológica, e obter uma datação absoluta muito segura para este tipo inédito de sítio arqueológico.

3. Paralelos cerâmicos e determinação cronológica

Do material exumado descrito, são os fragmentos de cerâmica que assumem maior importância informativa no que se refere à cronologia, nomeadamente os fragmentos de bojós de cozedura redutora ou redutora-oxidante e fragmentos de pequenos vasos de forma carenada.

Procurou-se assim identificar alguns paralelos cerâmicos entre os fragmentos de pequenos vasos exumados e achados de outros sítios do Centro e Norte português, datados do Bronze Final, tendo-se buscado informação em estudos de Senna-Martinez (1989, 1993a, 1993c), Pedro (1995), Vilaça (1995a), Canha (2002) e Ribeiro (2017), nomeadamente no chamado Grupo Baiões/Santa Luzia. Os principais locais deste grupo onde se podem buscar paralelos são o Castro do Aral, o Povoado

da Cruz (Viseu), Canedotes (Viseu), S. Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) e Castro de S. Romão (Seia), segundo nos diz Ribeiro (2017, p. 57).

Senna-Martinez (1993c) esclarece-nos que as comunidades do Bronze Final da Beira Alta produziram uma cerâmica de tipologias, acabamentos e decorações particulares, que caracterizam o Grupo Baiões/Santa Luzia, e que a olaria se divide, *grosso modo*, em dois grupos definidos: o da ‘olaria fina’, formada por taças pequenas e médias, nomeadamente carenadas, de pastas finas, e o da ‘olaria grosseira’, com incisão pós-cozedura. Verificou-se que as taças carenadas são numerosas e variadas, diferindo os perfis consoante o contexto a que se destinavam (uso doméstico, funerário ou outro). Quanto aos tratamentos de superfície nas cerâmicas dos sítios estudados por Senna-Martinez, datados do Bronze Final, predominam as superfícies alisadas, tal como em Canedotes, estudado por Canha (2002), que informa que, quanto à cozedura, a cerâmica recolhida é predominantemente redutora-oxidante.

A cerâmica recolhida na Malhada do Cambarinho é bastante fragmentada, não tendo sido possível reconstituir qualquer perfil completo. Embora seja muito reduzido e de muito pequenas dimensões (sobretudo fragmentos de bojo, raros fragmentos de bordo e um de carena), o espólio cerâmico aqui encontrado encontra paralelo nos fragmentos de pequenos vasos achados naqueles sítios do centro e norte português, datados do Bronze Final. Assim, considerando que os fragmentos achados em Malhada do Cambarinho também apresentam paredes finas e superfícies alisadas, havendo diversos fragmentos de bojo e um deles com colo, de cozeduras tendencialmente redutoras, sendo um tipo de pastas acinzentadas, com ENP de quartzo e outro de pastas castanhas avermelhadas, talvez de cozeduras de maior tendência oxidante, bem como um fragmento de uma taça carenada, associada a uma canelura na sua parte superior, parece poder confirmar-se a atribuição do monumento àquele período.

4. Discussão: a complexidade das práticas rituais da Idade do Bronze final

Na transição da Idade do Bronze Médio para a Idade do Bronze Final, verifica-se já uma mudança na conceção da vida e da morte com alterações rituais, com misteriosos espaços cerimoniais relacionados e carga simbólica. “A grande mudança nos paradigmas da gestão da Morte, e consequentemente nas suas manifestações materiais, parece ter lugar apenas na Idade do Bronze e, em particular, na sua fase final. (...) No caso concreto de Lafões, deve notar-se que estes monumentos deverão ter sido construídos pelas comunidades que habitariam nos vários povoados fortificados por vezes existentes nas suas proximidades (...)” (Carvalho e Carvalho 2018, p. 46).

O ‘aflorento monumentalizado’ de Malhada de Cambarinho é, pois, um novo tipo de monumento, com funções votivas e rituais, provável local cerimonial/cultural, relacionado com as práticas funerárias realizadas nas pequenas mamoadas coevas e, também com toda a probabilidade, nos dólmenes neolíticos próximos. Este novo tipo de monumento evidencia bem a complexidade

do mundo funerário e de rituais associados à morte durante a Proto-História. No entanto, estão por determinar de forma mais clara as práticas rituais levadas a cabo nos ‘afloramentos monumentalizados’, uma vez que a descoberta e estudo destes locais é ainda muito recente e conta-se com muito poucos dados empíricos, que são sobretudo inspeções de superfície em outros locais semelhantes a este afloramento monumentalizado como se refere adiante.

Quanto à funcionalidade específica deste monumento no conjunto da necrópole, já abordado atrás, o papel topograficamente dominante do afloramento em relação ao restante espaço da Malhada do Cambarinho, a presença de covinhas (tanto no afloramento como em alguns dos blocos que compõem o recinto), a existência de um *cairn* rodeado por um anel lítico e, finalmente, a confirmação de que não existirão contextos funerários sob este montículo pétreo, de acordo com os resultados dos trabalhos de escavação de 2019 e de 2021, são observações que permitiram afirmar perentoriamente que não se trata de um monumento funerário: com efeito, sob o “afloramento” não parecem existir quaisquer contextos funerários. Então, tratar-se-ia de um espaço destinado a rituais que supunham rituais relacionados com os que ocorreriam provavelmente no interior do perímetro monumentalizado.

A delimitação por um anel lítico, formado sobretudo por blocos de granito e alguns de quartzo, e a presença de um possível espaço de fogueira, delimitada por blocos termoalterados, a que se junta a presença das referidas covinhas, são um indício da sacralização do monumento, ainda que sem contexto conhecido concreto das práticas adotadas. Alguns fragmentos de cerâmica, “dispersos sobretudo entre a base do *cairn* e o topo do substrato granítico” (Carvalho 2019), permitem interrogações quanto à sua utilidade e utilização.

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPETIVAS PARA ESTUDOS FUTUROS

1. Considerações finais

Como já referido, o incêndio de outubro de 2017 permitiu, no contexto do estudo do fenómeno tumular da região de Lafões, identificar mais de uma centena de sítios contendo monumentos funerários de diferentes tipologias e cronologias, que se encontravam ora isolados ora agrupados em pequenas necrópoles, do Neolítico à Idade do Bronze, altura a partir da qual surgem pequenos *tumuli*, satelizando, por vezes, os pré-existentes.

Parece poder afirmar-se que, na Beira Alta, estamos perante um dos mais importantes lugares onde marca presença o megalitismo na Península Ibérica, no qual aquelas relações se encontram particularmente evidentes. Aqui, com efeito, foi possível identificar inúmeros monumentos funerários, do Neolítico à Idade do Bronze, de diversas tipologias.

As populações neolíticas (e, aparentemente, em menor medida, as calcólicas) construíram os seus monumentos funerários em diferentes contextos físicos, topográficos e temporais, revelando uma ocupação sistemática desses espaços. Em termos arquitetónicos, usaram vários estilos construtivos, com *tumuli* de diversas dimensões e diferentes composições, mas albergando sempre edifícios ortostáticos no seu interior.

No espaço próximo de necrópoles neolíticas, identificou-se um novo tipo de monumento, o ‘afloramento monumentalizado’. Este tipo de monumento surge nas proximidades das antas, mas associado, ritual e cronologicamente, aos numerosos pequenos *tumuli* da Idade do Bronze.

A Idade do Bronze teve início há cerca de 4 mil anos. Foi uma etapa importante do processo de domínio do Homem sobre a natureza, em que ocorreu a hierarquização social, a especialização técnica ofical, a especialização económica, um período em que se terão estabelecido ligações entre comunidades que iriam do Próximo Oriente Antigo à Europa além Pirenéus, tocando a fachada ocidental da Península Ibérica, o que permitiu que comunidades locais se comesçassem a integrar numa espécie de ‘economia mundo’ emergente.

Enfim, parece poder dizer-se que foi um período de charneira entre duas etapas de desenvolvimento da civilização que, de certa forma, favoreceu o surgir do mundo em que hoje vivemos, pelas implicações que teve.

Foi, portanto, entre o II e o I milénio antes de Cristo que, na fachada ocidental da Península Ibérica, se deu o desenvolvimento de comunidades agro-pastoris, em que a metalurgia do bronze se impôs e exerceu forte influência social e económica. É neste contexto histórico e cultural específico que se integram os ‘afloramentos monumentalizados’.

1.1. Inventário dos afloramentos monumentalizados da região de Lafões

No território português, até ao momento, não se conhecendo paralelos para este tipo de sítios fora do território lafonense, não são possíveis comparações com outros sítios. Embora tenham sido identificados alguns outros ‘afloramentos monumentalizados’ na região de Lafões, estes não estão ainda publicados, sendo mesmo que alguns são duvidosos quanto à sua efetiva correspondência com este novo tipo de sítio. Uma listagem completa é apresentada no quadro abaixo, e seguidamente, procura-se apresentar uma breve síntese com a localização dos “afloramentos monumentalizados” de Lafões inventariados no quadro anterior, e uma leitura breve da relação espacial entre afloramentos e mamoaas/monumentos em cada necrópole.

Necrópoles	Monumentos	CNS	Período
Cruzinha [freg. de Alcofra, conc. de Vouzela e freg. de Guardão, conc. de Tondela]	Mamoa 1 da Cruzinha	n.a.	Id. Bronze
	Mamoa 2 da Cruzinha	n.a.	Id. Bronze
	Mamoa 3 da Cruzinha	n.a.	Id. Bronze
	Afloramento Monumentalizado da Cruzinha	n.a.	Id. Bronze
Malhada do Tojal Grande [freg. de Cambra e Carvalhal de Vermilhas, conc. de Vouzela]	Mamoa 1 da Malhada do Tojal Grande	13914	Neolítico
	Mamoa 2 da Malhada do Tojal Grande	n.a.	Id. Bronze
	Afloramento monumentalizado da Malhada do Tojal Grande	n.a.	Id. Bronze
Vale d’Anta [freg. de Fornelo do Monte, conc. de Vouzela]	Mamoa 1 do Vale d’Anta / Cova da Moura / Anta do Ventoso	16538	Neolítico
	Mamoa 2 do Vale d’Anta	22222	Neolítico
	Mamoa 3 do Vale d’Anta	22228	Id. Bronze
	Mamoa 4 do Vale d’Anta	n.a.	Id. Bronze
	Mamoa 5 do Vale d’Anta	n.a.	Id. Bronze
	Mamoa 6 do Vale d’Anta	n.a.	Id. Bronze
	Afloramento Monumentalizado do Vale d’Anta	n.a.	Id. Bronze
Outeiro da Lomba [freg. de Fornelo do Monte, conc. de Vouzela]	Afloramento monumentalizado	n.a.	Id. Bronze
Malhada de Cambarinho [freg. de Ventosa, conc. de Vouzela]	Casa da Orca da Malhada de Cambarinho	13940	Neolítico
	Mamoa 2 da Malhada de Cambarinho	13944	Neolítico
	Mamoa 3 da Malhada de Cambarinho	13945	Id. Bronze
	Mamoa 4 da Malhada de Cambarinho	n.a.	Id. Bronze

	Mamoa 5 da Malhada de Cambarinho	n.a.	Id. Bronze
	Afloramento Monumentalizado da Malhada de Cambarinho	23394	Id. Bronze
Pedra da Broa [freg. de Pinheiro, conc. de Oliveira de Frades]	Mamoa 1 da Pedra da Broa	38605	Neolítico
	Mamoa 2 da Pedra da Broa	38606	Id. Bronze
	Mamoa 3 da Pedra da Broa	n.a.	Id. Bronze
	Mamoa 4 da Pedra da Broa	n.a.	Id. Bronze
	Mamoa 5 da Pedra da Broa	n.a.	Id. Bronze
	Mamoa 6 da Pedra da Broa	n.a.	Id. Bronze
	Mamoa 7 da Pedra da Broa	n.a.	Id. Bronze
	Mamoa 8 da Pedra da Broa	n.a.	Id. Bronze
	Mamoa 9 da Pedra da Broa	n.a.	Id. Bronze
	Mamoa 10 da Pedra da Broa	n.a.	Id. Bronze
	Mamoa 11 da Pedra da Broa	n.a.	Id. Bronze
		Afloramento Monumentalizado 1 da Pedra da Broa	n.a.
	Afloramento Monumentalizado 2 da Pedra da Broa	n.a.	Id. Bronze

Tabela nº 1 - Inventário dos afloramentos monumentalizados da região de Lafões

Fonte: Inventário facultado pelo Professor António Faustino de Carvalho

Afloramento Monumentalizado da Cruzinha (Vouzela e Tondela). Este afloramento localiza-se sobre a linha divisória de ambos os concelhos citados, na vertente leste da serra do Caramulo. O afloramento situa-se a 999 m de altitude. A composição do solo é maioritariamente o granito. Existe uma linha a separar a zona do granito da do xisto, que só surge na composição da parte mais Este da freguesia. Esta necrópole inclui três mamoaas, com as seguintes coordenadas:

	Latitude:	Longitude:	Altitude:
Mamoa 1	40° 36' 08.4"	8° 09' 40.7"	999 m
Mamoa 2	40° 36' 11.2"	8° 09' 37.9"	1004 m
Mamoa 3	40° 36' 08.6"	8° 09' 40.5"	1000 m
Mamoa 4	n.a.	n.a.	n.a.

O afloramento tem as seguintes coordenadas: Latitude: 40° 36' 13.0"; Longitude: 8° 09' 28.7"; Altitude: 999 m, que são muito próximas das da Mamoa 4, como se pode ver no mapa correspondente. Verifica-se também que, conquanto haja mamoaas a altitudes ligeiramente superiores às do afloramento, todo o conjunto se situa numa cumeeira elevada, alongada no

sentido NE-SW, sendo que o afloramento monumentalizado se localiza precisamente no seu extremo NE, com vista para todo o restante conjunto.

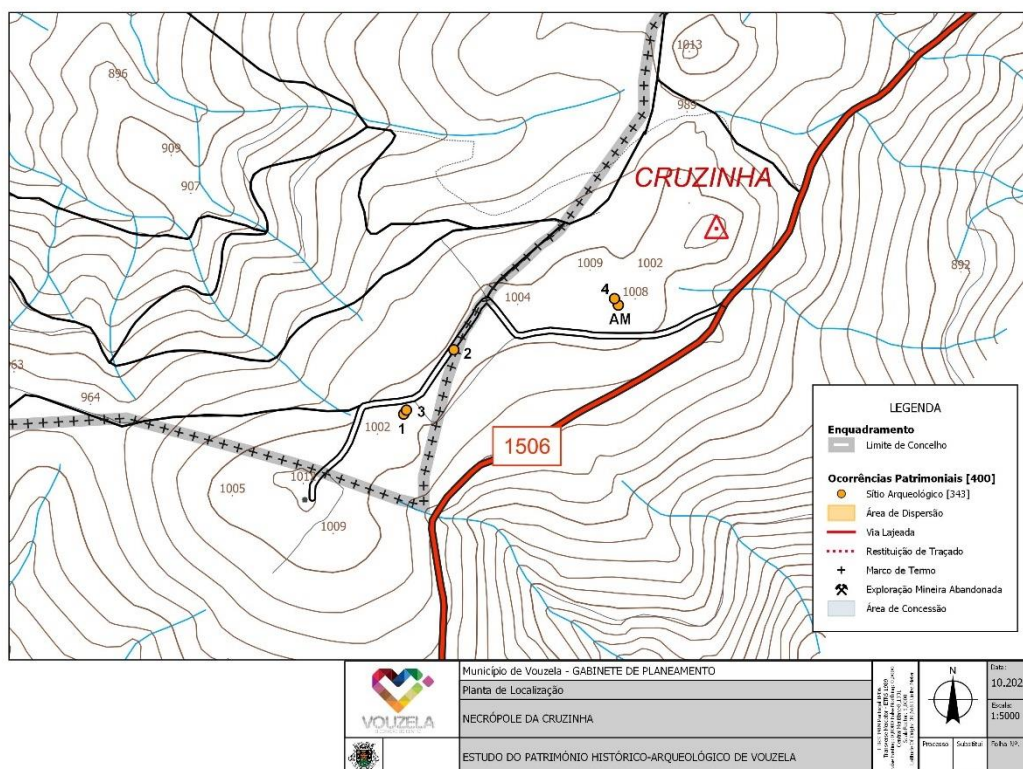


Figura nº 7 - Mapa da necrópole da Cruzinha (Vouzela e Tondela). AM: “Afloramento Monumentalizado”

Fonte: Base cartográfica: levantamento topográfico da Câmara Municipal de Vouzela

Afloramento Monumentalizado da Malhada do Tojal Grande (Vouzela). A necrópole a que este afloramento monumentalizado pertence situa-se na freguesia de Cambra, localizando-se a cerca de 6 km a sudoeste da vila de Vouzela, na parte noroeste da serra do Caramulo, numa área de vales e de pequenas extensões planas, propícias à prática da agricultura e onde abundaria o carvalho. O afloramento, a 819 m de altitude, tem as seguintes coordenadas: Latitude 40° 39' 54.48" e Longitude 8° 08' 08.39". A necrópole é constituída ainda por duas mamoa, situando-se a Mamoa 1 da Malhada do Tojal Grande, que cobre um dólmen neolítico, a uma altitude de 818 m, tendo de Latitude 40° 39' 55.0" e 8° 08' 04.9" de Longitude. Esta sepultura é conhecida desde a obra inicial de Girão (1921). Da Mamoa 2 da Malhada do Tojal Grande, que deverá datar da Idade do Bronze, não se dispõe de muitos outros dados, tendo sido descoberta já após os incêndios de 2017 que assolaram a região.

Em termos de relações espaciais, o afloramento monumentalizado situa-se a SW do dólmen, e a W do pequeno túmulo proto-histórico. Há relações de intervisibilidade entre estes três sítios arqueológicos.

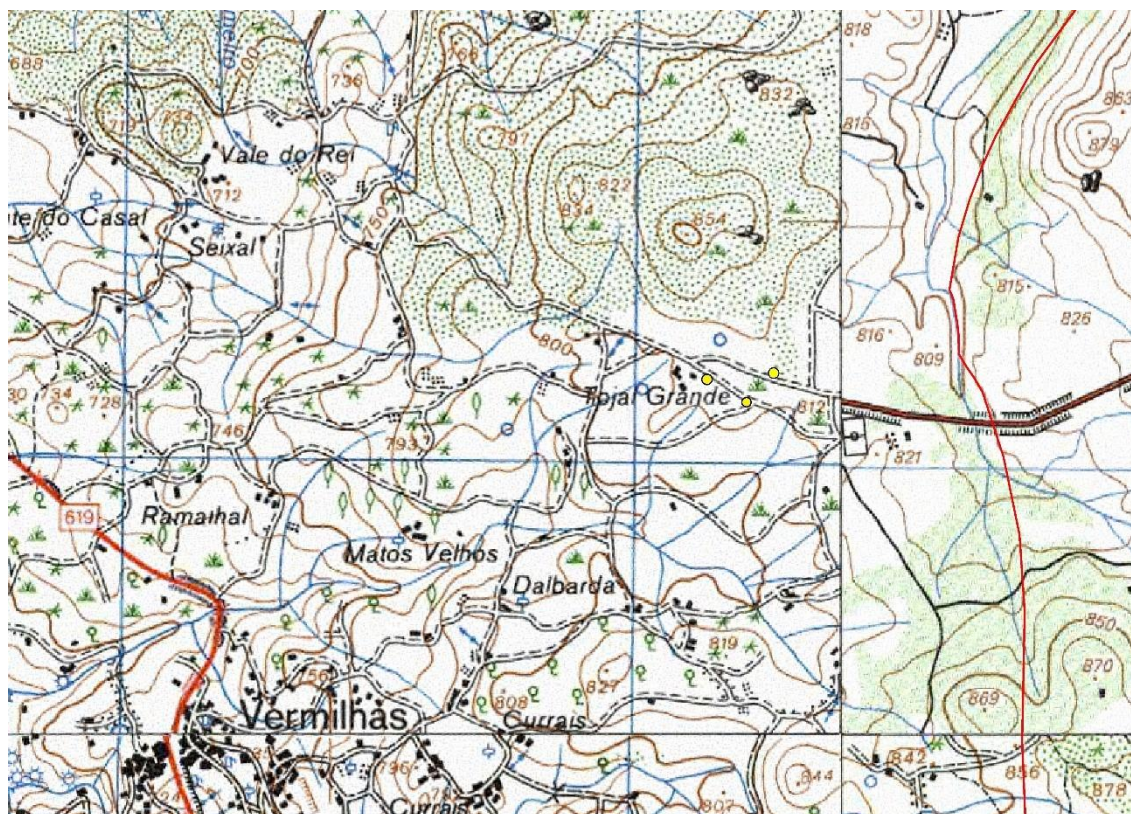


Figura nº 8 - Mapa da necrópole da Malhada do Tojal Grande (Vouzela). Da esquerda para a direita: “afloramento monumentalizado”, Mamoa 2 (Idade do Bronze) e Dólmen (Neolítico)

Fonte: Base cartográfica: CMP, n.º 177

Afloramento Monumentalizado do Vale d’Anta (Vouzela). O afloramento monumentalizado localiza-se na freguesia de Fornelo do Monte. Esta freguesia está situada nas faldas da serra do Caramulo, a meia altura do monte, no extremo sul do concelho, numa área próxima da nascente do rio Dinha, afluente do rio Dão. É um monumento semelhante ao afloramento de Malhada do Cambarinho, caracterizado por ser um afloramento granítico, marcado num dos seus setores com três fossetes. Encontra-se envolvido por um montículo de pedras, maioritariamente em granito, mas possuindo também alguns elementos em quartzo e terra, de planta subcircular, semelhante a um *tumulus*, com 14 m de diâmetro no eixo N-S e 11 m no eixo E-W e que tem cerca de 0,80 m de altura, cujo raio (a contar do limite externo do conjunto central de afloramentos) é, em média de 3,5 m. Tem como coordenadas as seguintes: Latitude: 40° 39' 08.9" N, Longitude: 8° 06' 50.08" W, a 942 m de altitude. A necrópole a que está associado este afloramento é constituída por seis mamoas, com as coordenadas que se indicam:

	<u>Latitude</u>	<u>Longitude</u>	<u>Altitude:</u>
Mamoa 1 do Vale d’Anta:	40° 39' 06.2"	8° 06' 54.5"	931 m
Mamoa 2 do Vale d’Anta:	40° 39' 05.7"	8° 06' 54.7"	932 m

Mamoas 3 do Vale d'Anta:	40° 39' 08.3"	8° 06' 51.7"	932 m
Mamoas 4 do Vale d'Anta:	40° 39' 07.6"	8° 06' 47.89"	932 m
Mamoas 5 do Vale d'Anta:	40° 39' 06.5"	8° 06' 42.8"	932 m
Mamoas 6 do Vale d'Anta:	40° 65' 06.6"	8° 11' 32.6"	926 m

Em termos de distribuição espacial, esta necrópole desenha um U invertido no topo de uma cumeada com atitudes em torno dos 930 metros. O afloramento monumentalizado encontra-se no ponto mais a norte, de onde se podem observar todas as mamoas que compõem esta necrópole, independentemente da sua cronologia relativa (neolítica ou proto-histórica).

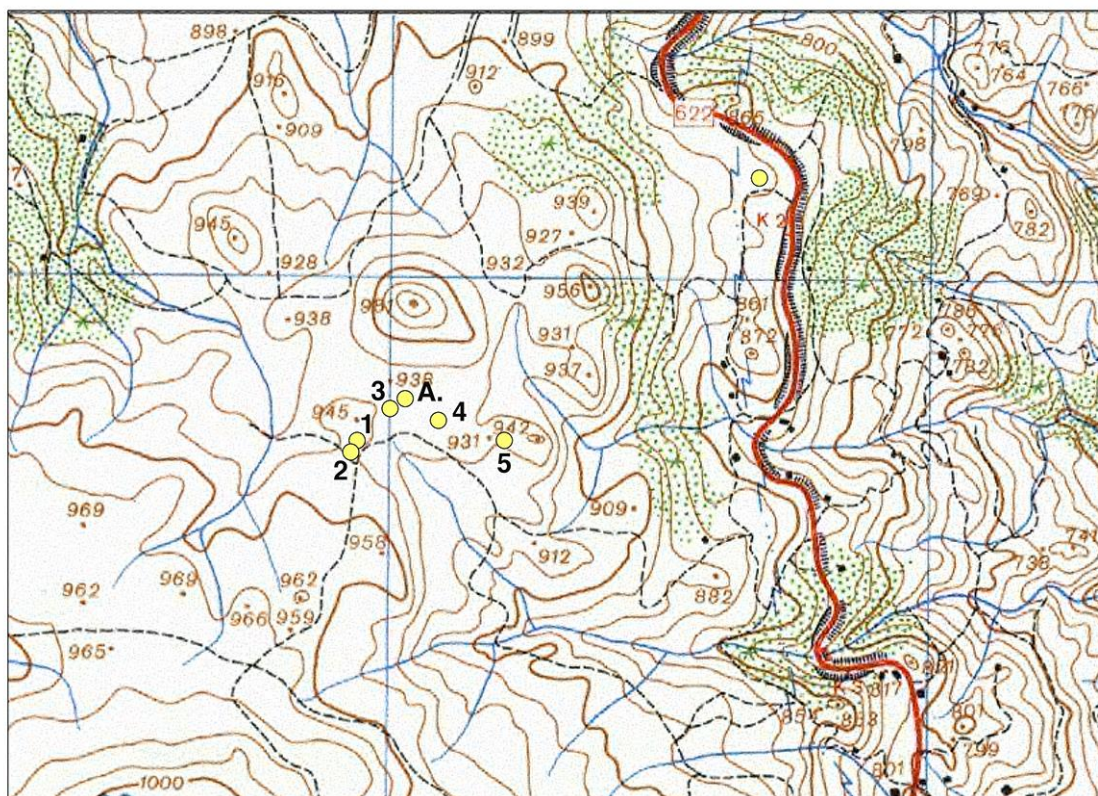


Figura n.º 9 - Mapa da necrópole de Vale d'Anta (Vouzela). A numeração corresponde às mamoas (a Mamoas 6 não está representada)

Fonte: Base cartográfica: CMP, n.º 177

Afloramento monumentalizado do Outeiro da Lomba (Vouzela). O Afloramento monumentalizado do Outeiro da Lomba, da Idade do Bronze, é também inédito e situa-se igualmente no concelho de Vouzela, na Freguesia de Fornelo do Monte, 924 m de altitude, a uma latitude de 40° 43' 02.57" N e longitude de 8° 14' 40.64" W. Não tem qualquer necrópole associada, no que se constitui como um elemento original deste monumento. A sua implantação é junto ao extremo nascente de um promontório elevado a partir do qual se detém uma notável perspectiva sobre a bacia do médio Mondego e, no horizonte, a serra da Estrela.

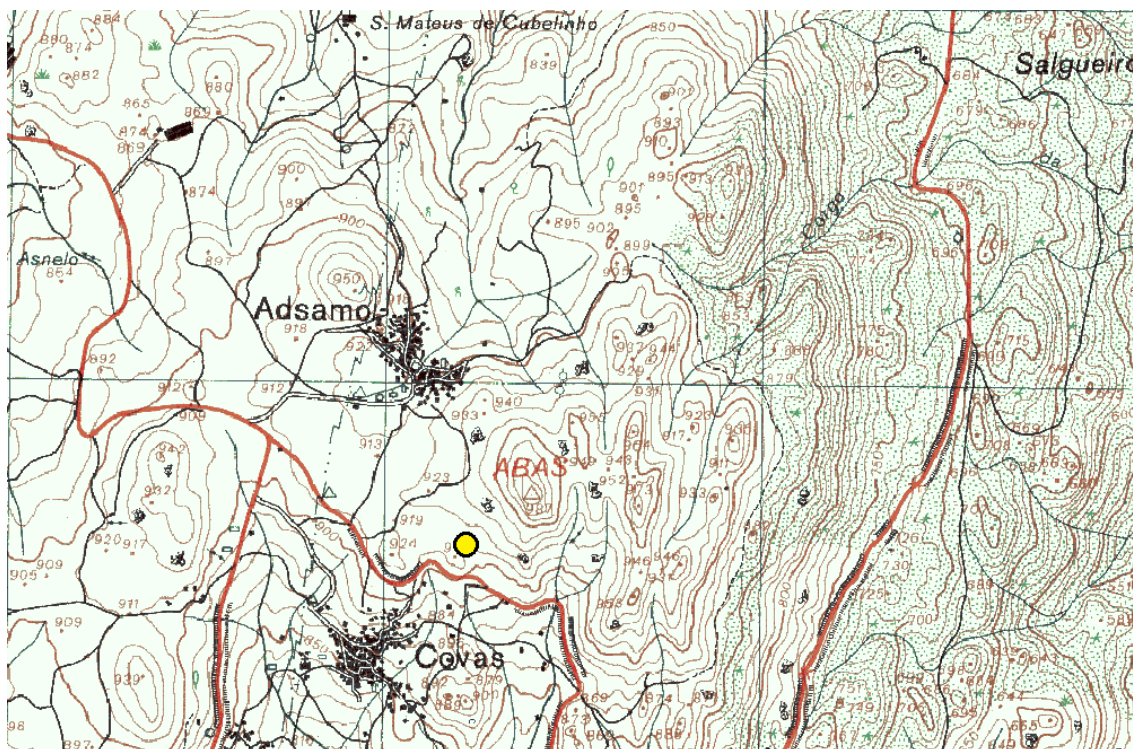


Figura nº 10 - Mapa de localização do afloramento monumentalizado do Outeiro da Lomba (Vouzela)

Fonte: Base cartográfica: CMP, n.º 177

Afloramento Monumentalizado da Malhada de Cambarinho (Vouzela). Este afloramento, datado da Idade do Bronze, situa-se na freguesia de Ventosa, do concelho de Vouzela, a 808 m de altitude, com a latitude de 40° 40' 52.3" e a longitude de 8° 07' 12.7". A necrópole a que está associado o afloramento é constituída por cinco mamoas (a Casa da Orca, duas outras mamoas neolíticas de pequena dimensão e mais duas pequenas mamoas proto-históricas) (Carvalho e Carvalho 2018), como foi descrito no segundo capítulo deste trabalho.

Afloramentos Monumentalizados 1 e 2 da Pedra da Broa (Oliveira de Frades). A necrópole a que estão associados integra 11 mamoas, nas proximidades do conhecido Dólmen de Antelas. Está situada na freguesia de Pinheiro. O concelho é rodeado pelas serras das Talhadas, a sudoeste, do Caramulo, a sul, da Gralheira, a norte, e ainda do Ladário, numa paisagem granítica característica, que envolve toda esta vasta necrópole. Os afloramentos monumentalizados e as mamoas desta necrópole têm as seguintes coordenadas:

Mamoas 1 da Pedra da Broa: 40° 71' 62.80" de latitude e 8° 24' 67.70" de longitude.

Mamoas 2 da Pedra da Broa: 40° 71' 71.60" de latitude e 8° 24' 70.00" de longitude.

Mamoas 3 da Pedra da Broa: 40° 71' 66.10" de latitude e 8° 24' 87.50" de longitude.

Mamoas 4 da Pedra da Broa: 40° 71' 69.13" de latitude e 8° 24' 31.80" de longitude.

Mamoia 5 da Pedra da Broa: 40° 71' 70.12" de latitude e 8° 23' 40.46" de longitude.

Mamoia 6 da Pedra da Broa: 40° 71' 81.00" de latitude e 8° 23' 98.17" de longitude.

Mamoia 7 da Pedra da Broa: 40° 71' 81.17" de latitude e 8° 23' 66.50" de longitude.

Mamoia 8 da Pedra da Broa: 40° 71' 60.83" de latitude e 8° 24' 24.67" de longitude.

Mamoia 9 da Pedra da Broa: 40° 71' 59.00" de latitude e 8° 24' 22.00" de longitude.

Mamoia 10 da Pedra da Broa: 40° 71' 97.67" de latitude e 8° 23' 76.00" de longitude.

Mamoia 11 da Pedra da Broa: 40° 71' 99.50" de latitude e 8° 23' 63.83" de longitude.

O Afloramento Monumentalizado 1 da Pedra da Broa é também inédito, tendo de latitude 40°71'76.78" e 8° 24'52.03" de longitude. O Afloramento Monumentalizado 2 da Pedra da Broa, tal como o primeiro, é inédito, tendo de latitude 40°71'78.66" e 8°23'44.57" de longitude. Ambos estão a cerca de 550 m a.n.m., portanto a altitudes muito menos elevadas que os monumentos vouzelenses.

Os achados desta necrópole foram realizados em 2021, e encontram-se ainda em processamento, razão pela qual não se dispõe ainda de cartografia atualizada, mas tão-somente a localização das sete primeiras mamoias identificadas. Estas, assim como as restantes, localizam-se a sul e a sudoeste do aeródromo de Oliveira de Frades (hoje já abandonado, mas ainda não construído à data de elaboração da CMP correspondente).

Esta vasta necrópole é formada exclusivamente por pequenas mamoias proto-históricas, com exceção da Mamoia 1, que corresponde a um dólmen de construção neolítica. É, pois, possível aplicar, neste caso também, o princípio observado em necrópoles vouzelenses segundo o qual as mamoias mais recentes se teriam "satelizado" na área envolvente do monumento dolménico fundador. É neste processo que teriam também sido monumentalizados dois afloramentos situados nesta área.

Ambos os afloramentos se localizam na parte mais a norte da área de dispersão da necrópole, a oeste do aeródromo, que é também a de cotas mais elevadas da necrópole. Apesar da sua altitude relativamente baixa se comparada com a dos monumentos do concelho vizinho, a partir deles detém-se um completo domínio visual, não apenas sobre a necrópole, mas também sobre o flanco noroeste da serra do Caramulo, que se estende a sul.

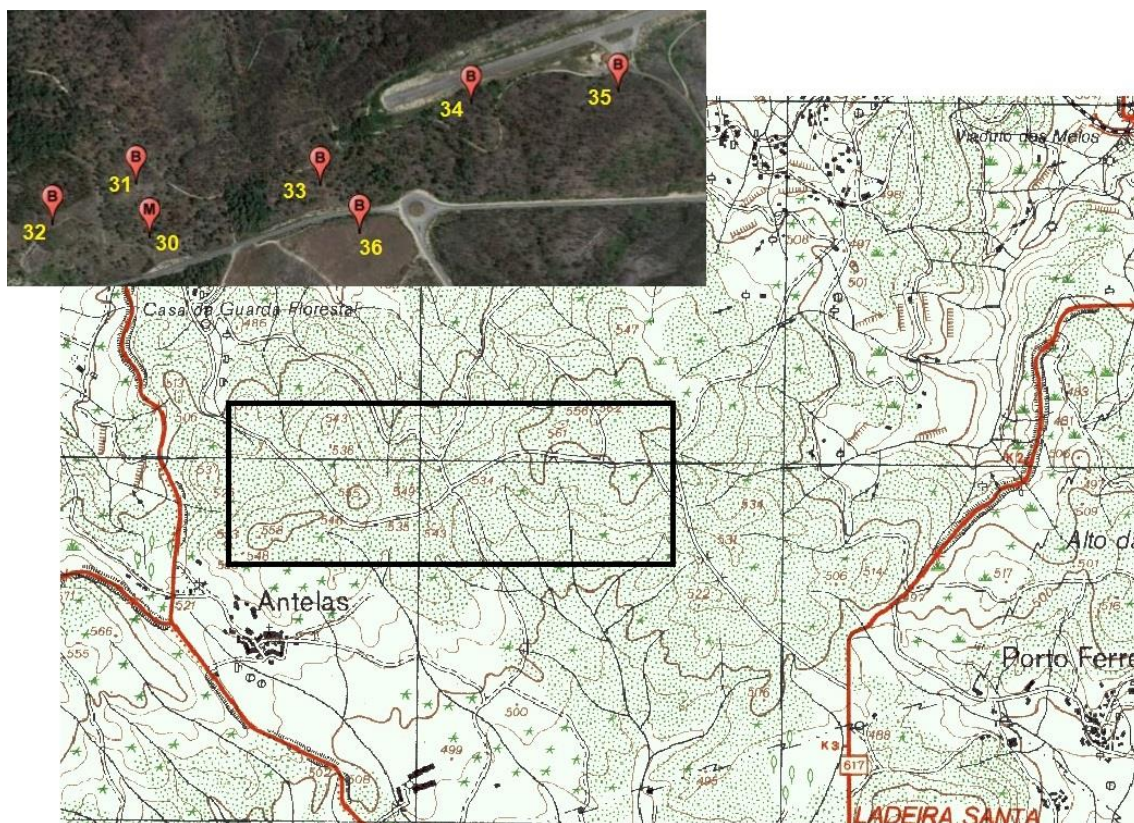


Figura nº 11 - Mapa de localização da necrópole da Pedra da Broa (Oliveira de Frades). O retângulo corresponde à imagem retirada do Google Maps com indicação de algumas das mamoas da necrópole.

Fonte: Base cartográfica: CMP, n.º 176

1.2. Significado e importância científica dos “afloramentos monumentalizados”

Conhece-se apenas um contexto semelhante aos afloramentos monumentalizados que se têm vindo a descrever, nas Ilhas Britânicas, no sítio de Urlar, Strathtay, Escócia, onde foi encontrado um conjunto arqueológico que evoca as estruturas em pedra a que se tem vindo a fazer referência na região de Lafões: “[...] *a geological outcrop seems to have been treated as the remains of a megalithic tomb of Neolithic date. During the Early Bronze Age, the rock was embellished with a zone of cup-marks directed towards the midsummer sunrise, a cairn was erected [...]*” (Bradley e Watson, 2019, p.3).

O referido monumento é um afloramento geológico, que foi tratado como se fossem restos de um túmulo megalítico do Neolítico, tendo a rocha sido embelezada, durante a Idade do Bronze inicial. Possui 34 covinhas incisadas na superfície da rocha, no limite sul do afloramento, colocadas contra a borda da mesma, e que seguem a mesma orientação das fissuras naturais, que se estendem de sudoeste para nordeste, em torno de um veio sinuoso, com pedaços de quartzo depositados em fissuras, na superfície da pedra, e que cintilam à luz do sol, especialmente depois da chuva, havendo pedaços de quartzo espalhados na superfície do local. Uma característica saliente de Urlar é a presença de grandes blocos de quartzo no extremo sul, que desempenharam um papel

importante na arquitetura e que está associado principalmente a túmulos.



Figura nº 12 - Vista aérea de Urlar.

Fonte: Bradley Richard & Watson Aaron (2019) Found architecture: interpreting a cup-marked outcrop in the southern Highlands of Scotland, Time and Mind

Não ficou claro, neste caso escocês, como é que o *cairn* era usado ou que outro papel tenha desempenhado nos rituais funerários. Pelo menos na Malhada do Cambarinho, não há vestígios de ossos cremados nem artefactos. De todo o modo, a raridade de casos conhecidos e publicados até ao momento, mesmo a escalas internacionais, levanta um duplo problema de natureza cultural e arqueográfica: a invisibilidade destes monumentos singelos em prospeção arqueológica é responsável pelo seu desconhecimento generalizado, ou trata-se de uma realidade cultural restrita ao território de Lafões?

A resposta a esta questão depende fortemente do prosseguimento da investigação, o que só se poderá alcançar no futuro.

O importante, para já, é salientar que, na transição da Idade do Bronze Médio para o Bronze Final, se acentuou uma nova relação do Homem com a Morte. Este é um período em que se afirmaram as práticas de incineração, bem como alterações de rituais, rituais que ainda não nos foi possível clarificar adequadamente na região de Lafões. No entanto, o ‘afloramento monumentalizado é um novo tipo de sítio que surge junto a necrópoles, cuja localização parece permitir supor uma correlação cronológica e funcional com aquelas e uma associação a rituais funerários. É ponto assente em que não estamos perante um monumento funerário, no qual nunca houve qualquer inumação ou incineração. As práticas funerárias permitem conhecer alguma coisa de crenças

específicas, sendo que as transformações nas mesmas talvez se possam atribuir a transformações nas crenças, explicáveis por diversos fatores.

Segundo Binford (1971), os grupos de caçadores-recoletores teriam sistemas de estruturação social mais igualitários do que os grupos com agricultura, como os que construíram a necrópole da Malhada do Cambarinho; as comunidades agro-pastoris teriam chefes, sistemas sociais já hierarquizados e mais estratificados, o que se refletiria, provavelmente, no tratamento dado aos mortos.

Com efeito, a vida agro-pastoril implicou não só uma maior especialização de tarefas e uma diferenciação/hierarquização social como permitiu a acumulação e distribuição desigual de riqueza. A utilização dos metais foi fundamental para o desenvolvimento da agricultura. O desenvolvimento da metalurgia começou a mudar a vida em sociedade; a utilização dos metais para fabrico das ferramentas tornou-as mais eficazes para o trabalho, como o arado e a enxada; a utilização dos metais permitiu também a aplicação em instrumentos artísticos, armas, entre outros. O desenvolvimento da metalurgia – encontrar e extrair o minério da natureza, trabalhar o metal e negociá-lo – também terá conferido maior valor social a alguns.

A progressiva sedentarização das populações, decorrente da consolidação das práticas agrícolas e pastoris, permitiu o aumento populacional, transformando-se os grupos em comunidades maiores e mais complexas, que começaram a organizar-se, exigindo chefes que as administrassem e cujas ordens acatavam. Ana Maria Bettencourt diz-nos: “(...) coloca-se a hipótese de que as sociedades agro-silvo-pastoris, igualmente detentores do conhecimento que permite ‘transformar as pedras em artefactos metálicos’ e com um sentido de territorialização mais acentuado do que no período anterior, possam ter transferido os seus lugares de exibição e os seus mecanismos de ‘poder simbólico’, quer para os depósitos de artefactos metálicos, (...), quer para os santuários rupestres (...)” (Bettencourt, 2008, p. 52).

As práticas funerárias acompanham e refletem-se em termos sociais – o papel social de alguns defuntos deve ter sido muito importante para legitimar e marcar a ocupação de novos territórios.

A partir do Bronze Médio, com populações já mais sedentarizadas, verifica-se que as sepulturas se tornam mais discretas, o que parece permitir pensar que o cadáver e a morte tenham assumido novos papéis na sociedade. Assim, um melhor conhecimento das práticas funerárias como um reflexo da estrutura social, constitui uma fonte de informação sobre a natureza da sociedade que as pratica.

A grande questão do estudo em que esta dissertação se focou foi, como referido na Introdução: *Qual seria o contexto social e temporal, e a cultura material e práticas cerimoniais/cultuais, do ‘afloramento monumentalizado’ de Malhada do Cambarinho?* Na busca de respostas para esta questão de partida, traçou-se um itinerário, que teve como ponto inicial uma descrição da situação

espacial e cronológica, do contexto e da composição da necrópole da Malhada do Cambarinho, em que se insere o ‘afloramento monumentalizado’ que estudámos.

Tendo pretendido conhecer melhor o contexto social e temporal, e as práticas cerimoniais/cultuais, fez-se uma descrição da sua localização, arquitetura e cronologia. Foi encontrada resposta relativamente ao contexto temporal do ‘afloramento monumentalizado’. A cerâmica, pelas características dos fragmentos exumados nas escavações, tendo em conta dados de outros estudos que foram consultados, permitiu situar o ‘afloramento monumentalizado de Malhada do Cambarinho na Idade do Bronze Final.

Continuamos a desconhecer em diversos aspetos a estrutura social das comunidades construtoras dos ‘afloramentos monumentalizados’ e o significado do mundo dos mortos para os vivos, mas parece inquestionável a sua crença numa ‘outra vida’, como se se tratasse de uma transição para o Além, que se devia fazer mediante a realização de rituais, sem se quebrar, embora alterada, a relação, não automática, do morto com a sua comunidade. Consciente de que a realidade dos nossos tempos é bem diferente da do passado, que a nossa interpretação do passado está, de certo modo, vinculada às conceções da sociedade atual, abordámos o significado dos ‘afloramentos monumentalizados’ e das respetivas covinhas.

Tendo em conta os resultados obtidos até ao momento, a investigação permitiu situar o sítio no tempo, na Idade do Bronze, o que já só por si foi uma conclusão muito importante. Ao longo deste texto, procurou-se ir contextualizando a informação obtida a partir de trabalhos de prospeção arqueológica na região que resultaram na descoberta de outros monumentos similares. Como se deduz do seu inventário descritivo, apresentado atrás, há um conjunto de recorrências nestes locais que merece ser enumerado:

1. os afloramentos monumentalizados surgem, com uma única exceção até ao momento (caso do monumento do Outeiro da Lomba), agregados a necrópoles de mamoaos proto-históricas, com as quais partilham a cronologia (e seguramente o mesmo ritual);
2. estas necrópoles são por regra de fundação neolítica – isto é, o seu monumento mais antigo é usualmente um (ou mais) sepulcro dolménico, a única exceção sendo o caso a necrópole da Cruzinha;
3. os afloramentos monumentalizados ocupam elevações a partir das quais se detém domínio claro em termos visuais de toda a necrópole subjacente, assim como da paisagem envolvente.

A expectativa é que esta tese dê um contributo, e sobretudo pistas, para que se possa conhecer melhor a realidade social correspondente aos ‘afloramentos monumentalizados’ no contexto das novas práticas rituais emergentes com o final da Idade do Bronze.

2. Perspetivas para estudos futuros

Perspetivando trabalhos futuros, é de considerar necessário, por parte das diferentes câmaras municipais lafonenses, à semelhança do que algumas já vêm fazendo, um maior investimento em estudos interdisciplinares e sistemáticos no contexto dos monumentos megalíticos e de períodos subsequentes, visando tê-los em conta nos Planos Diretores Municipais, tornando-se uma mais-valia patrimonial reconhecida. Esse investimento contemplaria a criação de Centros Interpretativos e de Acolhimento de Visitantes, realização de itinerários turísticos e visitas guiadas, programação e realização de atividades de sensibilização para o património cultural com as escolas, patrocínio para a elaboração e divulgação de artigos científicos e de textos informativos, bem como apoio logístico para a realização de ‘campos escola’ de equipas de arqueologia. Não podemos deixar de reconhecer e salientar, neste âmbito, as boas práticas do município de Vouzela, que têm possibilitado os trabalhos já realizados e outros ainda em curso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA e SILVA S. F. B., SILVA A. M. S. P., LEMOS P. A. P., PEREIRA G. R. (2018-2019) – Cerâmica proto-histórica do povoado de S. Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) – estudo preliminar. *Revista OPPIDUM*, Nº 11, 2018-2019, PP. 9-36.
- ALVES F. J. S. (Dir. M. N. A.) (1995) – Abertura da “Exposição *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*”, in JORGE S. O. (Comissariado Científico). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Galeria Oriental.
- ALVES L.B., BRADLEY R., FÁBREGAS VALCARCE R. (2013) - Visões de túnel: uma caverna decorada em El Pedroso, à luz do trabalho de campo. *Proceedings of the Prehistoric Society*, 79. Cambridge: Cambridge University Press: 193-224.
- BETTENCOURT A. M. S.; SAMPAIO H. A. & SÁ E. (2013) – Enterrar os mortos, encenar a vida e interpretar o mundo. Uma perspetiva através das práticas funerárias da Idade do Bronze do Noroeste da Ibéria. Mesa-Redonda *A Morte Protegida: Discursos Arqueográficos e Discursos Mentais – Modalidades Funerárias na Pré-História Recente*, Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, Associação Cultural da Beira Serra-Serra Mãe e Associação de Estudos do Alto Tejo, Biblioteca Municipal António Botto, Abrantes, 11 de maio de 2013. Livro de Resumos.
- BETTENCOURT A. M. S. (2009) - Práticas Funerárias da Idade do Bronze de Trás-os-Montes e da Galiza Oriental, Chaves: *Revista Aquae Flaviae*, nº 41, pp. 11-23.
- BETTENCOURT A. M. S. (2008) – *Lições de Pré-História Peninsular*. Braga: Universidade do Minho.
- BETTENCOURT A. M. S. (1989) - Campanha de Escavação e Consolidação da Mamoa 1 da Cerqueira (Serra do Arestal – Sever do Vouga), in *Arqueologia*, nº 19, junho de 1989, pp. 85-113.
- BINFORD L. R. (1971) – Mortuary Practices: Their Study and Their Potential. *Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices*, pp. 6-29.
- BOSCH-GIMPERA P. (1966) - Cultura megalítica portuguesa y culturas españolas, *Revista de Guimarães*. 76: 3-4, p. 249-306.
- BRADLEY R. & WATSON A. (2019) - Found architecture: interpreting a cup-marked outcrop in the southern Highlands of Scotland, *Time and Mind*, 12:1, 3-31.
- BRADLEY R. e NIMURA C. editors (2016) - The Use and Reuse of Stone Circles: Fieldwork at Five Scottish Monuments and its Implications. Oxford: Oxbow Books, 2016 – 124.
- CANHA A. J. (2002) – *Canedotes: Povoado do Bronze Final do Alto Paiva*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiada.
- CANINAS J.C.; CANHA A.; SABROSA A.; HENRIQUES F.; HENRIQUES F.R.; CORREIA. A.; CHAMBINO M. (2004) - Aditamento ao estudo de incidências ambientais do Parque Eólico de Fornelo do Monte e interligações eléctricas a Vouzela, Bodiosa e Tondela. Lisboa: Emerita (relatório policopiado).
- CARDOSO J.L. (1999) - Monumentos megalíticos do concelho de Vouzela. In *Vouzela: Estudos históricos*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, p. 169-208.
- CARVALHO A. F. (Diretor Científico) (2021) – Afloramento Monumentalizado da Malhada do Cambarinho (Freguesia de Ventosa, Concelho de Vouzela. Relatório preliminar de escavação de 2021. Agosto 2021.
- CARVALHO A. F.; PEREIRA T.; PAYA A.; MAÇÃS J.; NETO DE OLIVEIRA H. (2021) – A Mamoa Proto-Histórica do Monte Cavalão, Vouzela. Resultados dos trabalhos de escavação. *I Jornadas de Arqueologia*, Vouzela, Lafões, pp. 60-75.
- CARVALHO A. F. (Diretor Científico). (2019) - Afloramento Monumentalizado da Malhada do Cambarinho (Freguesia de Ventosa, Concelho de Vouzela). Relatório de escavação de 2019:

[CNS-23394] Data de elaboração: Lisboa, dezembro de 2019.

CARVALHO, A. F. (2018) – Anta da Lapa da Meruje (Vouzela, Portugal). Resultados preliminares dos trabalhos em curso. In SENNA-MARTINEZ, J. C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A. F. eds. – *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo.

CARVALHO P.S.; CARVALHO A.F. (2018) - Para uma recuperação do megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). O concelho de Vouzela enquanto case-study. In SENNA-MARTINEZ J.C. DINIZ M.; CARVALHO A.F. eds. - *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, pp. 37-50.

CARVALHO A.F., CEAACP (2018). Anta da Lapa da Meruje, Vouzela, Portugal – Resultados preliminares dos trabalhos em curso. In SENNA-MARTINEZ J.C.; DINIZ M.; CARVALHO A.F. eds. - *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, pp.201-216.

CARVALHO A.F., PEREIRA T., GIBAJA J. F. (2018) - Proveniências e Utilização do Sílex no Megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). Primeira Abordagem a Partir dos Conjuntos dos Dólmenes de Lapa da Meruje e de Antelas. In SENNA-MARTINEZ J.C.; DINIZ M.; CARVALHO A.F. eds. - *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, pp.217-231.

CARVALHO A. F. & CARDOSO J. L. (2010/2011) - A Cronologia Absoluta das Ocupações Funerárias da Gruta da Casa da Moura (Óbidos) - *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, Oeiras, Câmara Municipal, 2010/2011, p. 393-405.

CARVALHO P. S. (2020) – O Fogo e a Arqueologia – Nem tudo é mau num incêndio. *National Geographic, Grande Angular, Idade do Bronze*, outubro de 2020.

CARVALHO P.M.S.; GOMES L.F.C.; COIMBRA A.M.M. (1993) - Casa da Orca da Malhada de Cambarinho (Vouzela, distrito de Viseu). *Estudos Pré-Históricos*. 1, p. 97-103.

CASTRO L.A.; FERREIRA O.V.; VIANA A. (1956) - Acerca dos monumentos megalíticos da Bacia do Vouga. *XXIII Congresso Luso-Espanhol. 7ª Secção: Ciências Históricas e Filológicas, VIII*. Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, p. 471-481.

CRUZ D. J.; VILAÇA R.; SANTOS A. T.; MARQUES J. N. (2000) – O Grupo de *Tumuli* do Pousadão (Vila Nova de Paiva, Viseu). *Estudos Pré-Históricos*, Vol. VIII, pp 125-150.

CRUZ D.J. (1998) - Expressões funerárias e cultuais no Norte da Beira Alta (V-II milénios a.C.). A Pré-História na Beira Interior. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (*Estudos Pré-Históricos*; 6), p. 149-166.

GIRÃO A.A. (1921) - *Antiguidades pré-históricas de Lafões. Contribuição para o estudo da arqueologia portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

GOUÉZIN P. (2016) - *Houses of the dead and natural rocks: new evidence from western France*, January 2016, Univ. de Rennes 1.

HENRIQUES F.; CANINAS J. C.; CHAMBINO M. (1995b) - Rochas com covinhas na região do Alto Tejo Português. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: 35 (4), pp. 191-202.

JORGE S. O. (1995) - A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder. *Catálogo de Exposição*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

JORGE V. O. (1992) – As mamoas funerárias do norte de Portugal (do Neolítico à Idade do Bronze Antigo) como elementos indicadores de uma progressiva complexidade social - esboço preliminar da questão. *Revista da Faculdade de Letras. História*, Nº. 9, pp. 463-480.

JORGE, V. O. (1989) - Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais. *Revista de História da Faculdade de Letras-História*, 2ª série, 6, pp. 365-443.

- JORGE V. O. (s/d) - As Mamoas Funerárias do Norte de Portugal (Do Neolítico à Idade do Bronze Antigo) como Elementos Indicadores de uma Progressiva Complexidade Social: Esboço Preliminar da Questão. Porto: *Revista da Faculdade de Letras*, pp. 2 - <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5718/5383>. Acedido em 3 de julho de 2021.
- JORGE V. O. (1997b) - Questões de Interpretação da Arte Megalítica. *Brigatium*, 10, pp. 47-65.
- LEISNER V. (1998) – *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Die Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- MARQUES J.A.M. (1999, 2014) - *Carta Arqueológica do Concelho de Vouzela*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela.
- MOITA I.N. (1966) - Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta. *Ethnos*, V, p. 189-297.
- OLIVEIRA J. de (1992) - *Carta Geológica de Portugal na Escala de 1/200 000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- OOSTERBEEK L. (2008) - Megalitismo em Portugal (Texto de Capa). *Pedra & Cal*, nº 40 outubro-dezembro, pp. 9-10.
- PEDRO I. (1995) – *O povoamento proto-histórico da região de Viseu*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiada.
- PEREIRA, T.; PAYA A.; MAÇÃS J.; CARVALHO A. F. (2019) - A mamoa proto-histórica do Monte Cavalão, Vouzela. *Jornadas de Arqueologia*, Vouzela, 14 de novembro de 2019.
- QUIVY R. & VANCAMPENHOUDT L. (1992) - *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- REAL M.L.; CARVALHO A.F.; TENTE C. (2017) - Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu): objetivos e primeiros resultados. *II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Arqueologia em Portugal*. 2017 - Estado da questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 113-123.
- RIBEIRO T. S. O. (2017) – *Cerâmica de Áreas Funcionais: O Conjunto Cerâmico do “Ambiente AW3 Exterior” do Cabeço do Crasto de S. Romão (Seia)*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiada. (<http://repositorio.ul.pt>).
- SÁ E., (2014) - Contextos e práticas funerárias da idade do Bronze na Serra da Freita (centro-norte de Portugal). Túmulos, pastores e metalurgistas, *GALLÆCIA*, p. 97-119.
- SANCHES, M. J. (s/d) - Reflectindo sobre a arte dos dólmenes a propósito da evocação do contributo que o arqueólogo Vítor Oliveira Jorge deu para os estudos do megalitismo e suas iconografias. *Discursos em Arqueologia*, pp. 43-66.
- SANCHES, M. J. (2003) - Sobre a ocupação do Neolítico inicial no Norte de Portugal. In *Muita gente, poucas antas? Origens, Espaços e Contextos do Megalitismo*, Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo, pp. 155-179.
- SENNA-MARTINEZ J. C. (1994) - Aspectos do Centro-Norte do Ocidente Peninsular no Final da Idade do Bronze: Povoamento, Metalurgia e Sociedade. *Arqueologia*, pp. 103-124.
- SENNA-MARTINEZ J. C. (1993a) – O sítio do Bronze Final da Malcata (Carregal do Sal): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa: Colibri, pp. 149-154.
- SENNA-MARTINEZ J. C. (1993c) – O Grupo Baiões/Santa Luzia: Contribuições para uma tipologia da Olaria. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa: Colibri, pp. 93-123.
- SENNA-MARTINEZ J. C. (1989) – *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- VILAÇA R.; CRUZ D.J. (1999) - Práticas funerárias e culturais dos finais da Idade do Bronze na

Beira Alta. *Arqueologia*. 24, p. 73-99.

VILAÇA R.; CRUZ D.J. (1995) – Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*. 9, Lisboa: IPPAR.

APÊNDICE

PROVENIÊNCIA:	CAMADA	TIPOLOGIAS/OBSERVAÇÕES:	DATA:
2019			
MCB-I19-6	1	Lasca de Quartzo	03/06/2019
MCB-I20-2	?	Esquírola de Silex	03/06/2019
MCB-I20-3	?	Seixo rolado/"ídolo"	03/06/2019
MCB-I20-13	1	Bojo redutor com presença de elementos não plásticos (micas e quartzos)	05/06/2019
MCB-J19-11	1	Bojo redutor com presença de elementos não plásticos (micas e quartzos)	05/06/2019
MCB-J20-1	1	Bojo redutor-oxidante com presença de elementos não plásticos (micas e quartzos)	03/06/2019
MCB-J20-4	1	Bordo redutor	05/06/2019
MCB-J20-7	1	Bojo redutor com presença de elementos não plásticos (micas e quartzos)	05/06/2019
MCB-J20-12	1	Bordo redutor	05/06/2019
MCB-J20-16	1	5 bojos redutores com presença de elementos não plásticos (micas e quartzos)	05/06/2019
MCB-J20-18	1	3 bojos redutores com presença de elementos não plásticos (micas e quartzos)	06/06/2019
MCB-J20-19	1	Fragmentos de carvão (17)	06/06/2019
MCB-K19-17	1	Bojo redutor com presença de elementos não plásticos (micas e quartzos)	05/06/2019
MCB-K20-8	1	Bojo redutor com presença de elementos não plásticos (micas e quartzos)	05/06/2019
MCB-K20-9	1	Bojo redutor com presença de elementos não plásticos (micas e quartzos)	05/06/2019
MCB-K20-10	1	Bojo redutor com presença de elementos não plásticos (micas e quartzos)	05/06/2019
MCB-K20-15	1	2 bojos redutores com presença de elementos não plásticos (micas e quartzos)	05/06/2019
MCB-K20-20	1	7 bojos e 1 bordo redutores com presença de elementos não plásticos (micas e quartzos)	06/06/2019
MCB-K25-5	1	Bojo redutor com presença de elementos não plásticos (micas e quartzos)	05/06/2019
MCB-L20-14	1	Lasca de Quartzo	05/06/2019
2021			
MCB-I/L-19/20	-	Carvão (sob blocos no centro da área escavada; inclui n.a. 1 e n.a. 2 em sacos próprios)	09/07/2021
MCB-I19	-	Carvão	07/07/2021
MCB-J19.-.2.7	-	Carvão	09/07/2021
MCB-J19	-	Carvão (topo do substrato geológico; nível pré-arqueológico?)	07/07/2021
MCB-J19	-	Bojo redutor com paredes finas/alisadas, com presença de elementos não plásticos (quartzo)	07/07/2021
MCB-J20	-	Carvão (topo do substrato geológico; nível pré-arqueológico?)	06/07/2021
MCB-J21.-.2.4	-	Esquírola de vidro	07/07/2021
MCB-J/K21.-.1.-	-	Carvões, lasca de quartzo, botão de plástico	05/07/2021
MCB-J21.-.2.-	-	Carvão	07/07/2021
MCB-J21.-.2.1	-	Carvão	07/07/2021
MCB-J21.-.interface 3-4.crivo	-	Carvão	07/07/2021
MCB-J21.-.2 topo.3	-	Carvão	07/07/2021
MCB-K20	-	Bojo redutor com paredes finas/alisadas, com presença de elementos não plásticos (quartzo)	06/07/2021
MCB-K21.-.3 base.6	-	Carvão (amostra para datar por radiocarbono após análise antracológica.)	08/07/2021
MCB-K21.-.2.-	-	Carvão	07/07/2021
MCB-K21.-.3 base.-	-	Carvão	07/07/2021
MCB-K21.-.4.crivo	-	Carvão	08/07/2021
MCB-K21.-.interface 3-4.5	-	Bojo redutor com paredes finas/alisadas, com presença de elementos não plásticos (quartzo)	07/07/2021
MCB-K21.-.2 base.-	-	Fragmento de carena	07/07/2021
MCB-L19	-	Bojo redutor com paredes finas/alisadas, com presença de elementos não plásticos (quartzo)	07/07/2021
MCB-L19	-	Carvão	07/07/2021
MCB-O24	-	Bojo redutor com paredes finas/alisadas, com presença de elementos não plásticos (quartzo)	08/07/2021
Quadrado . - [sem camada] . nível artificial . número de coordenação 3D.			

Apêndice nº 1 - Catalogação do espólio das escavações de 2019 e 2021: Por proveniência (organizado por quadrado), por camada, por tipologia/observações e por data da recolha

Fonte: Elaboração Própria

ANEXOS



Figura nº 13 - Malhada do Cambarinho

Fonte: foto cedida por A. F. Carvalho



Figura nº 14 - Malhada do Cambarinho

Fonte: foto cedida por A. F. Carvalho



Figura nº 15 - Malhada do Cambarinho

Fonte: foto cedida por A. F. Carvalho



Figura nº 16 - Malhada do Cambarinho, antes dos incêndios de 2017

Fonte: Google Earth

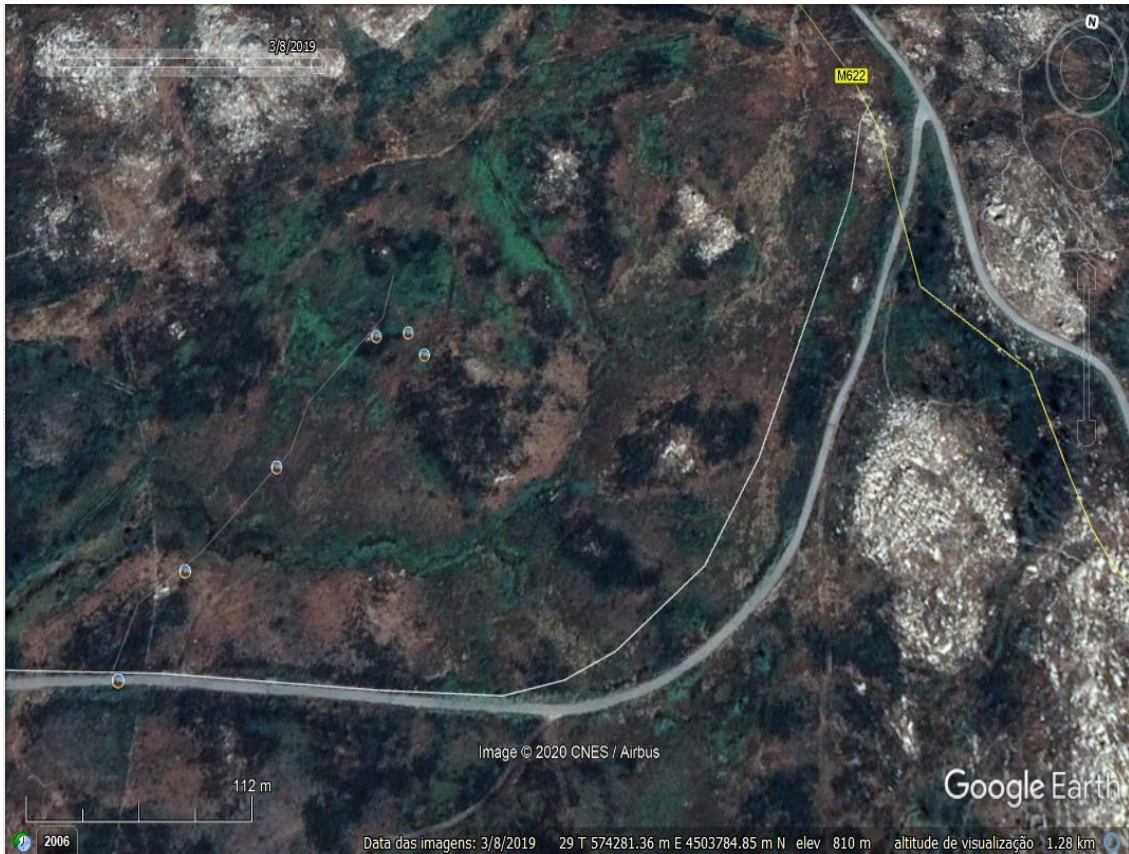


Figura nº 17 - Malhada do Cambarinho, depois dos incêndios de 2017

Fonte: Google Earth